



**Universidade Católica de Salvador**  
**Superintendência de pesquisa e pós-graduação**  
**Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental**

**ISABEL CRISTINA ALVES MARINHO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA PÚBLICA: TEATRO  
EM PRÁXIS PERIPATÉTICA COMO UMA ESTRATÉGIA DE  
DESENVOLVIMENTO**

**SALVADOR  
2013**

**ISABEL CRISTINA ALVES MARINHO**

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA PÚBLICA: TEATRO  
EM PRÁXIS PERIPATÉTICA COMO UMA ESTRATÉGIA DE  
DESENVOLVIMENTO**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental, do Programa de Pós-graduação, da Universidade Católica de Salvador como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Amílcar Baiardi

**SALVADOR  
2013**



**Universidade Católica do Salvador**

Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação  
Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social  
Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental  
Homologado pelo CNE (Portaria Nº. 73, 17/01/2007)

**TERMO DE APROVAÇÃO**

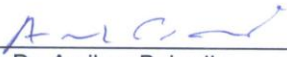
**ISABEL CRISTINA ALVES MARINHO**

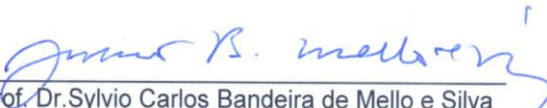
**EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA PÚBLICA: TEATRO EM PRÁXIS PERIPATÉTICA  
COMO UMA ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO**

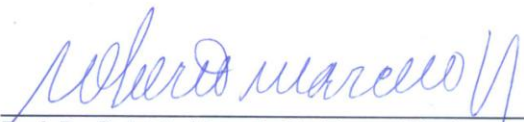
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Planejamento Ambiental.

Salvador, 08 de novembro de 2013

Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Amílcar Baiardi  
Doutor em Ciências Humanas  
Universidade Católica do Salvador - UCSal

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Sylvio Carlos Bandeira de Mello e Silva  
Doutor em Geografia  
Universidade Católica do Salvador – UCSal

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Robério Marcelo Rodrigues Ribeiro  
Doutor em Ciências – Comunicação e Expressão  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UCSal. Sistema de Bibliotecas

M338Marinho, Isabel Cristina Alves  
Educação ambiental na escola pública: teatro em práxis peripatética  
como uma estratégia de desenvolvimento/ Isabel Cristina Alves Marinho  
. – Salvador, 2013.  
105 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador.  
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado Profissional  
em Planejamento Ambiental.  
Orientação: Prof. Dr. Amílcar Baiardi.

1.Meio ambiente 2. Educação ambiental – Escola pública 3. Arte –  
Educação 4. Teatro – Protagonismo 5. Afetividade – Relações sociais  
I.Título.

CDU504.06:37

## Ato I

*“Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas.  
Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados.  
O que elas amam são os pássaros em vôo.  
Existem para dar aos pássaros coragem para voar.  
Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque  
o vôo já nasce dentro dos pássaros.  
O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”.*

Rubem Alves

## Ato II

*“É fundamental diminuir a distância entre o que  
se diz e o que se faz, de tal maneira que num dado  
momento a tua fala seja a tua prática.”*

Paulo Freire.

## Ato III

*“Será que é tempo que lhe falta pra perceber?  
Será que temos esse tempo pra perder?  
E quem quer saber?  
A vida é tão rara, tão rara.”*

Lenine

## AGRADECIMENTOS

Enquanto fazia essa incursão no universo científico, algumas mãos me sustentaram. Por isso, é momento de dizer obrigada:

Aos Orixás, Entidades de luz e Espíritos da Natureza, minha força e minha vitória;

Aos meus familiares pela presença constante ao longo dessa história, em especial:

- meus pais Benedita e Antônio, pelo amor incondicional, por acreditarem e investirem nos meus sonhos e, acima de tudo, por respeitarem minhas decisões;
- minha irmã Ilma e minha tia Dete, fontes de inspiração constante;
- minha prima Rose (*in memorium*) exemplo eterno para nunca parar de lutar;
- minha sogrita Iraíldes, por me adotar e entender meus momentos de estresse;
- Aestes e aos demais familiares pela compreensão dos meus silêncios e distanciamento – jamais esqueci e jamais os esquecerei;

Aos muitíssimos sujeitos-alunos-atores como os que trabalhei ao longo destes dezessete anos na educação – alimentadores da esperança e da crença em outra escola, outra educação, outro ambiente; Eneida, Diana, Alan, Kelly, Deise, Amaro e Mateus;

Ao meu orientador professor Dr. Amílcar Baiardi, por me desafiar e me proporcionar uma orientação científica criteriosa e analítica, sempre indicando a direção a ser tomada nos momentos de maior dificuldade. A empatia com que recebeu as minhas ideias, foi o estímulo que me permitiu vencer as inseguranças deste processo;

Aos professores que fizeram parte da minha qualificação e defesa, em especial à professora Dra. Cristina Macedo; professor Dr. Nelson Baltrusis; professor Dr. André Portella; professor Dr. Sylvio Bandeira; professora Dra. Júnia Guimarães; professora Dra. Aparecida Neto; professor Dr. Robério Ribeiro; professor Dr. Juan Carlos Rossi Alva, - só se avança no conhecimento quando encontramos outros pares para socializar o que conhece;

Ao Professor Paulo Araújo, amigo e mentor, por ter mostrado que o objeto da minha pesquisa era importante, pelos sábios conselhos e por me inspirar a pensar e a buscar respostas dentro da minha prática;

Aos colegas da turma de Mestrado: em especial a gauchinha Renata, pelo apoio virtual constante, incentivo e alegria;

A diretora da escola pesquisada: Professora Monica Vivas, pela cooperação, confiança e suporte em todos os momentos da coleta de dados. Por me ajudar na construção de um caminho possível na educação;

A escola Municipal Professora Alexandrina dos Santos Pita *lócus* onde desenvolvi a pesquisa, desde a fase exploratória até o estágio final, pelas portas abertas à investigação;

Aos amigos “abandonados”:

- José Amorim, Moema Brocchini e Silvana de Lucca, sempre prontos para acalantar, ouvir, transmitir confiança, elevar minha autoestima com palavras motivadoras, disponibilizando para isso, diuturnamente, seus ouvidos, ombros e experiências de vida;
- Jhonny San, por me ajudar a encontrar outras formas de sintetizar e expressar a importância da educação;
- Marcelo Dantas, pelas vezes que me ajudou a fazer uma incursão nos capítulos passados e presentes da minha história, estimulando-me a projetar novas e maiores possibilidades. O homem mais sábio que eu tive o prazer de conhecer.

A meu marido e às minhas filhas, por acreditarem em meus sonhos, e por se desdobrarem várias vezes para me auxiliar nessa caminhada:

- Camila e Yasmin razão da minha vida e do meu aprendizado. É por vocês que eu tento contribuir para melhorar o futuro no planeta.
- Van, obrigada pela compreensão, dedicação e paciência. Seu amor, apoio psicológico e afetivo alicerçaram esta vitória.

Meus três pacotinhos, eu amo vocês de todo o meu ser. Obrigada!

**Ninguém vence sozinho...  
OBRIGADA A TODOS!**

MARINHO, Isabel Cristina Alves. **Educação Ambiental Na Escola Pública: Teatro em Práxis Peripatética como uma Estratégia de Desenvolvimento**. 106 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental) Universidade Católica do Salvador. (UCSAL), 2013

## RESUMO

Diante da crescente ocorrência de problemas ambientais, faz-se necessário e urgente um novo comportamento baseado em comprometimento e protagonismo, visando minimizar os impactos negativos à vida cotidiana na circunjunção e na qualidade de vida no planeta. Nesta vivência busca-se a sistematização e análise de uma experiência empírica de Arte-Educação, que desencadeou uma curiosa mudança positiva, no lócus da Escola Municipal Professora Alexandrina dos Santos Pita, em bairro periférico de Salvador, na Bahia: contexto de dificuldades materiais, de relacionamento social e elevada degradação/deprecação ambiental. Destarte, emerge o guarda chuva com o principal questionamento: quais as ferramentas para colocar em prática ações relevantes para o desenvolvimento da consciência ecológica? Embaixo deste abrigo, surgem outras demandas vinculadas à realidade local, que precisam ser analisadas para melhor compreensão e produção do diagnóstico do quadro em análise: O Case Parede Mágica, gerado a partir das artes cênicas como ação educativa, apresenta um conjunto cognitivo validado pelos estudantes envolvendo os espaços dentro da escola; Considera algumas características relacionadas ao despertar do cuidado com a edificação; Informa experiências que revelam a construção de uma identidade de lugar; verifica aspectos físicos que refletem negativamente no ambiente escolar e; propõe algumas possibilidades para o exercício de práticas baseadas na afetividade e no cuidado, com reflexos na qualidade das relações sociais e na conservação de suas edificações, mobiliários e equipamentos. Os principais resultados alcançados referem-se à reconstrução da paisagem escolar e a mudança na percepção ambiental da comunidade estudantil. Constata-se que o teatro, aliado à educação, possibilita a construção de um canal natural de expressão e sensibilidade, necessário à compreensão da realidade ambiental. Este trabalho de intervenção tem sua importância reforçada para aplicação em escolas públicas brasileiras, porque propõe soluções criativas e viáveis ao apontar alguns caminhos percorridos na perspectiva da Educação Ambiental.

**Palavras-chaves:** Meio ambiente, educação, teatro, protagonismo, afetividade.



MARINHO, Isabel Cristina Alves. **Environmental Education In Public School: Peripatetic Praxis Theatre as a Development Strategy.** 106 f. Dissertation (Master Professional in Environmental Planning) Catholic University of Salvador. (UCSAL) 2013

## **ABSTRACT**

Upon the constant growth of environmental problems, it is necessary and imperative a new behavior based on ownership and active role in order to minimize the negative impacts on the community daily life and life quality of the planet. At this experience it was researched a systematization and analysis of an empirical experiment of Art-Education in which it triggered a curious positive change at Municipal School teacher Alexandrina dos Santos Pita on the outskirts of Salvador at Bahia State (Brazil). A place in which is found in financial difficulties, several social relationship challenges and a high level of environmental degradation/local depredation. Thus it emerges a main question "What are the tools to put in practice relevant actions for the development of ecological awareness?" under this umbrella appears another demand related to the local reality that must be analyzed for the better understanding and diagnosis of the current scenario, the case ParedeMágica. This case was generated from the use of performing arts as a tool for educative action: It presents a cognitive set validated by the students at that school surroundings; It considers some peculiarities related to the awakening of caring about the buildings; It shows experiences that reveals the construction of a local identity; It verifies physical aspects that reflects negatively in the school environment; It offers some possibilities to exercise practices based on the affectionateness and the caring, that reflects on the quality of the social relationship and also on the conservation of the buildings, furniture and equipment. The main results reached are related to the reconstruction of the school landscape and the change in environmental perception of the student's community. It is noticed that performing arts (theater) together with education allows the construction of a natural channel of expression and feeling, which are required for the comprehension of the environmental reality. This intervention based work has its importance highlighted for users in Brazilian public schools because it suggests creative and viable solutions by pointing out some roads we have travelled in the Environmental Education perspective.

**Keywords:** Environment, Education, Theater, Role, Affectionateness

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Sistemática Metodológica da Pesquisa. ....	44
Figura 2 - Bairro de Pirajá.....	46
Figura 3 - Mapa – Parque São Bartolomeu.....	48
Figura 4 - Rua onde esta situada a escola pesquisada .....	49
Figura 5 - Áreas do entorno da escola. ....	50
Figura 6 - Vista aérea da escola.....	53
Figura 7 - Sala de Artes e de sucata.....	57
Figura 8 - Espetáculo teatral “Trupimenta” - Ano 2007. ....	59
Figura 9 - Pais, amigos e parentes assistindo ao espetáculo teatral. ....	60
Figura 10 - Espetáculo Auto de Natal - Ano 2008.....	61
Figura 11 - Peça teatral “Pinheirinho de Natal”- Ano 2008.....	62
Figura 12 - “O Casamento de João Florípedes” - Ano 2009.....	63
Figura 13 - Relação de espetáculos com temática sócio ambiental.....	64
Figura 14 - Oficina de vídeo e roteiro para o Festival do Minuto. ....	65
Figura 15 - Parede Mágica Primavera Reciclada - Ano 2008.....	67
Figura 16 - Parede Mágica: Instalação Natal - Ano 2009.....	68
Figura 17 - Parede Mágica: Consciência Negra - Ano 2010.....	69
Figura 18 - Parede Mágica: Primavera - Ano 2010.....	70
Figura 19 - Parede Mágica: Dia Das Mães - Ano 2010.....	70
Figura 20 - Parede Mágica: Cantinho Verde - Ano 2012.....	71
Figura 21 - Evento Junino Centenário Jorge Amado. ....	72
Figura 22 - Parede Mágica: 35º Aniversário da Escola - Ano 2012. ....	73
Figura 23 - Parede Mágica: Recepção para reunião de pais -Ano 2013. ....	73
Figura 24 - Lavabo - Antes e depois de intervenções.....	76
Figura 25 - Oficinas de Maquiagem. ....	77

<b>Figura 26 - Oficina de Maquiagem - Semana do Meio Ambiente.....</b>	<b>78</b>
<b>Figura 27 - Imagens da escola pós reforma.....</b>	<b>80</b>
<b>Figura 28 - Sala do grupo infantil - Ano 2012.....</b>	<b>81</b>
<b>Figura 29 - Evento de Premiação: Festival do Minuto.....</b>	<b>85</b>
<b>Figura 30 - Premiação do 1º lugar - Festival do Minuto. ....</b>	<b>88</b>
<b>Figura 31 - Entrega de medalhas 2º e 3º lugar – Festival do Minuto.....</b>	<b>89</b>
<b>Figura 32 - Festival do Minuto – Professores, alunos e equipe gestora .....</b>	<b>90</b>
<b>Figura 33 - Identificação de plantas naturais.....</b>	<b>91</b>
<b>Figura 34 - Formatura da Turma de 2012. ....</b>	<b>92</b>
<b>Figura 35 - Parede Mágica Evento Infantil - Ano 2013. ....</b>	<b>93</b>
<b>Figura 36 - Planta envasada decorada. ....</b>	<b>94</b>

## SUMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 EDUCAÇÃO PARA O MEIO AMBIENTE: DIREITO E DEVER</b> .....	<b>15</b>
1.1 AMBIENTE SAUDÁVEL: DIREITO SOCIAL E UNIVERSAL .....	16
1.2 MEIO AMBIENTE: RECONHECIMENTO + IDENTIDADE + AFETIVIDADE = VALOR.....	22
<b>2 TEATRO: ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL</b> .....	<b>26</b>
2.1 CONSTRUINDO ATORES: SENSIBILIZANDO E ECOLOGIZANDO .....	28
2.2 DIALOGO.....	31
2.3 PERTENCIMENTO .....	33
2.4 CIDADANIA.....	34
2.5 CRITICIDADE .....	34
2.6 PROTAGONISMO .....	35
2.7 PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS AMBIENTAIS: PRÁXIS TRANSVERSAL.....	36
<b>3 OBJETIVOS E SUPOSTOS DO TRABALHO</b> .....	<b>41</b>
<b>4 CASE: “A PAREDE MÁGICA”</b> .....	<b>44</b>
<b>Pirajá: ente histórico e geográfico no contexto da cidade do Salvador</b> .....	<b>45</b>
<b>Patrimônio comunitário: Escola Municipal Prof.<sup>a</sup> Alexandrina dos         Santos Pita</b> .....	<b>49</b>
4.1 TEATRANDO E METAMORFOSEANDO-SE NO AMBIENTE.....	51
4.2 IDEALIZANDO, REALIZANDO E TRANSFORMANDO-SE SOCIALMENTE..	54
4.3 RE-CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PAISAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR ....	66
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>74</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>99</b>

## INTRODUÇÃO

O meio ambiente apresenta nítidos sinais de esgotamento. A situação é grave em todo o planeta, e requer atenção especial. As práticas econômicas insustentáveis, que provocam o esgotamento de recursos naturais e partilham de forma injusta o lucro, prejudicam o acesso das comunidades aos meios de sobrevivências, sobretudo, das populações em situação de vulnerabilidade social. Este sistema predatório coloca em risco o equilíbrio ambiental e as condições de vida no planeta. Para transformar esse cenário, é essencial o envolvimento e a participação de toda a sociedade. E é neste ponto que surgem as perguntas: Como despertar o interesse para as questões ambientais? Qual o segredo para mobilizar escolas e comunidades carentes, a uma ação participativa em favor da qualidade de vida e do meio ambiente?

Diante dessa realidade, a Educação Ambiental mostra-se como uma das propostas de orientação para a tomada de consciência dos indivíduos frente aos problemas ambientais e é precisamente por isso que sua prática faz-se tão importante. A utilização do teatro como estratégia metodológica de educação ambiental ainda é pouco explorado nos contextos escolares. Autores como Spolin (1987) e Boal (1988; 1996) indicam os benefícios de se empregar o teatro na educação, ferramenta que permite trabalhar de maneira criativa e interdisciplinar, desde situações cotidianas, a questões globais que afetam as pessoas e o meio ambiente. O teatro nessa direção aproxima-se dos fins da educação ambiental que também possibilita o desenvolvimento da autonomia de pensamento e de ação, numa perspectiva de posicionamento crítico diante de questões conflitantes geradas pela sociedade atual (CARTAXO, 2001).

Acredita-se na proposta educativa que pretende desenvolver a conscientização crítica nos espaços de educação formal estendendo-a ao campo informal. Ressalta-se que o teatro é um campo de conhecimento específico do Ensino de Arte previsto pela Lei 9394/96 como componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica (BRASIL, 2001). Este procedimento educacional objetiva estimular, tanto na consciência ambiental individual, quanto na

consciência coletiva a proteção do meio ambiente. Baseados nesta premissa divide-se este trabalho em seis capítulos, o primeiro, versará sobre o direito social e universal ao ambiente saudável, enfatizará o dever do Estado de proporcionar educação ambiental para todos os cidadãos brasileiros. Será colocado em foco ainda, o sentimento de valor, resultado da associação entre a afetividade e responsabilidade para com o meio ambiente.

Para Sachs (1993 p. 19), é possível evitar concomitantemente os problemas da pobreza e do meio ambiente, porque segundo o autor, “os obstáculos são sociais e políticos”. Garantir a preservação e o equilíbrio ecológico, não pode e não devem ser deveres unicamente do Estado, até porque, de fato, o que a prática tem revelado é que sozinhas, as leis, normas, regulamentos e fiscalização punitiva por parte deste ente de regulação da vida em sociedade, são insuficientes para deter o avanço do processo de degradação ambiental em curso. O movimento decisivo atual é o de utilizar o processo educativo para despertar pessoas conscientes de seus deveres e direitos coletivos. O segundo capítulo consistirá no embasamento teórico e categorias conceituais que dará sustentação à educação ambiental aqui defendida. Uma práxis de arte-educação que se traduz na reunião dos vários aspectos abordados, tais como diálogo, pertencimento, cidadania, criticidade, protagonismo e sensibilização, necessários em processos socioeducativos ambientais.

Freire (2000, p. 15) destacou de forma categórica que:

Urge que assumamos o dever de lutar pelos princípios éticos fundamentais como o respeito à vida dos seres humanos, à vida dos outros animais, à vida dos pássaros, à vida dos rios e das florestas. Não creio na amorosidade entre mulheres e homens, entre os seres humanos, se não nos tornarmos capazes de amar o mundo. A ecologia ganha uma importância fundamental neste fim de século. Ela tem que estar presente em qualquer prática educativa de caráter radical, crítico ou libertador.

A Educação Ambiental é importante alternativa para transformar as relações entre o homem e o ambiente natural, com vistas a melhorar a qualidade de vida, fundamentada na afetividade, na ética, na solidariedade e na cooperação mútua, objetivando a justa distribuição de seus recursos. Estes argumentos embasam o terceiro capítulo, que trazem consigo: motivações, justificativas, objetivos, procedimentos metodológicos adotados, e a relevância da pesquisa.

O case intitulado “A Parede Mágica”, consiste o quarto capítulo deste estudo. Ele relatará a experiência das artes cênicas aplicadas em Educação Ambiental,

baseada em um processo pedagógico participativo, afetivo e contínuo. Utilizando como cenário, uma escola pública municipal, situada em bairro periférico da região metropolitana de Salvador, sendo nele visíveis a degradação ambiental, fruto da negligência do Estado no que tange aos serviços básicos. Serão ainda explicitadas, algumas tensões vivenciadas no espaço escolar. Nesse contexto, certos aspectos fundantes antes não contemplados, serão colocados em prática, com soluções simples, possibilitando a compreensão do cotidiano e dos valores dados pela comunidade escolar a determinados Espaços.

O quinto capítulo enumerará as discussões e evidenciará os resultados efetivos alcançados na unidade escolar estudada; traz orientações metodológicas que intencionam contribuir para o desenvolvimento de práticas articuladas de educação ambiental e mobilização popular, que tenham como características a participação cidadã e o compromisso com transformações estruturantes. Visa-se apresentar os resultados desta experiência em que o teatro foi utilizado como arte capaz de abordar a educação ambiental escolar em uma discussão reflexiva e significativa a uma dada população escolar. Este estudo atestará a importância de sua característica peripatética - proveniente do peripatetismo de Aristóteles (CHAUI, 2002) - porque semelhante a esta, a práxis do teatro itinerante foi educando e transformando durante seu percurso.

Peripatético vem de peripatos – passeio por onde se anda conversando, motivo pelo qual a escola aristotélica foi chamada peripatética, como referência ao fato de que Aristóteles e os estudantes costumavam passear discutindo filosofia. [...] Peripatético, (ambulante, itinerante ou os que passeiam) (CHAUI, 2002, p.336).

As considerações finais que constitui o sexto capítulo, trarão propostas de adaptação de velhas linguagens às novas práticas para auxiliar a inserção da Educação Ambiental em escolas públicas.

## 1 EDUCAÇÃO PARA O MEIO AMBIENTE: DIREITO E DEVER

A matriz para reflexão do dinamismo que faz com que o ambiente constitua o lócus da vivência, da experiência do indivíduo com seu entorno e com os outros homens, passa pela criticidade, pelo diálogo, sentido de pertencimento, exercício do protagonismo e da participação, tendo a afetividade como importante fator de aglutinação para a ação coletiva e a cidadania. A Educação para o meio ambiente pretende amenizar as distorções na relação homem x ambiente, e busca sensibilizar o cidadão comum para um desenvolvimento sustentável e elevação da qualidade de vida.

A legítima democracia tem como princípio basilar a participação ativa dos cidadãos na vida pública, reconhecidos como “titulares de direito”, e como os “criadores de novos direitos”, É urgente e necessário que a educação assuma sua responsabilidade de capacitar os indivíduos de conhecimentos para o exercício pleno da democracia. (PARO, 2000, p. 78). Percebe-se que práticas sociais danosas estão gerando degradação crescente do ecossistema e do meio ambiente, colocando em risco a vida no planeta. Para impedir que esta catastrófica possibilidade se torne real, a comunidade formada por seres humanos conscientes e cientes que são parte da cadeia sistêmica que ligam todos os seres, lançam mão do Direito Ambiental. “A sociedade produtora de riscos, torna-se cada vez mais reflexiva, o que significa dizer que ela se torna um tema e um problema para si própria” (JACOBI, 2005, p. 240).

O avanço dramático progressivo e inexorável do quadro de degradação ambiental vem mobilizando cientistas políticos e sociais, educadores, ambientalistas, filósofos, pesquisadores e estudiosos. Todos buscam,obstinadamente, respostas para a reversão desta futura hecatombe que se configura num horizonte não muito distante.

“A possibilidade da autodestruição nunca mais desaparecerá da história da humanidade. Daqui para frente todas as gerações serão confrontadas com a tarefa de resolver este problema” (SCHMIED-KOWARZIK, 1999 p.6)

Considerando-se de fundamental importância ações urgentes para disseminar a temática de proteção ambiental aliada á visão integrada do mundo, no tempo e no



espaço, sobressaem-se as escolas, como espaços privilegiados na implementação destas atividades. A educação para o meio ambiente e a que visa a conservação da natureza por indivíduos conscientes do seu papel como agentes transformadores da história do planeta. E, percorrer o caminho rumo a um ambiente transformado, exige a incorporação da noção de sociedade que se quer ver efetivamente concretizada, contemplando-se as aspirações futuras e ideais de vida, sem perder de vista os obstáculos para torná-los reais.

E nesse contexto, em que os sistemas sociais atuam na promoção da mudança ambiental, a educação assume posição de destaque para construir os fundamentos da sociedade sustentável, apresentando uma dupla função a essa transição societária: propiciar os processos de mudanças culturais em direção à instauração de uma ética ecológica e de mudanças sociais em direção ao empoderamento dos indivíduos, grupos e sociedades que se encontram em condições de vulnerabilidade em face dos desafios da contemporaneidade. (BRASIL, 2005, p.18).

É indispensável o conhecimento do aspecto legal e que se batalhe pela implantação de fato das políticas públicas nas instituições educacionais. O estudante precisa compreender o meio ambiente onde está inserido, fortalecendo seus laços com a solidariedade humana. Quando na Educação Ambiental, se fala de autonomia, de respeito, de mudança, e de transformação, trata-se de cumprir as leis. Neste exercício da cidadania, a educação passa a ter sentido, potencializando os sujeitos para o conhecimento e o uso pleno dos direitos e também dos seus deveres.

## 1.1 AMBIENTE SAUDÁVEL: DIREITO SOCIAL E UNIVERSAL

Definindo Direito Ambiental: utiliza-se uma das definições mais completas e citadas nos estudos realizados, por ser também a que melhor representa a essência deste direito. Segundo o Jurista ambientalista, Edis Milaré, (2001) Direito Ambiental é:

"O complexo de princípios e normas reguladores das atividades humanas que, direta ou indiretamente, possam afetar a sanidade do ambiente em sua dimensão global, visando a sua sustentabilidade para as presentes e futuras gerações".

Investigando a expressão; Direitos fundamentais do homem, SILVA (2001, p. 182) leciona que:

Além de referir-se a princípios que resumem a concepção do mundo e informam a ideologia política de cada ordenamento jurídico, é reservada para designar, no nível do direito positivo, aquelas prerrogativas e instituições que ele concretiza em garantias de uma convivência digna, livre e igual de todas as pessoas. Prossegue afirmando que no qualificativo fundamental acha-se a indicação de que se trata de situações jurídicas sem as quais a pessoa humana não se realiza, não convive e, às vezes, nem mesmo sobrevive; fundamentais do homem no sentido de que a todos, por igual, devem ser, não apenas formalmente reconhecidos, mas concreta e materialmente efetivados.

A tomada de consciência (ainda tênue, mas crescente) à cerca das questões ambientais, proporciona um despertar para o fato de que os males produzidos colocam em risco a toda a sociedade humana. Esta percepção originou o surgimento de diversos movimentos em favor da proteção ambiental. A maioria dos países inseriu a tutela ambiental em suas Constituições e criou legislações específicas na esperança de um desenvolvimento sustentável planetário.

O Desenvolvimento sustentável, conceito e práxis nasce após o documento do “Clube de Roma”(1968) “Os Limites do Crescimento”) e do “Relatório Brundtland”, Nosso Futuro Comum, publicado na Conferencia de Estocolmo, promovida pela comunidade internacional em 1972. Evento marcante por dele ter resultado a Declaração do Meio Ambiente. Foi durante o mesmo que surgiu a expressão Educação Ambiental. Quando a sociedade tomou conhecimento dos problemas ambientais e percebeu que o homem estava destruindo de forma acelerada a natureza, os governos definiram que a alternativa para modificar este quadro seria uma educação específica. Os processos educativos racionais não consideravam a qualidade relacional entre os membros da comunidade escolar, a afetividade, a participação crítica, os valores individuais e a realidade local. Neste documento estabelece-se a urgência de instauração de normas e princípios comuns que proporcionem a sociedade mundial, orientação e estímulo para preservar e recompor o ambiente humano.

O Princípio 19 da declaração, expressa especificamente sobre a educação em questões ambientais:

É indispensável um esforço para a educação em questões ambientais, dirigida tanto às gerações jovens como aos adultos e que preste a devida atenção ao setor da população menos privilegiado, para fundamentar as

bases de uma opinião pública bem informada, e de uma conduta dos indivíduos, das empresas e das coletividades inspirada no sentido de sua responsabilidade sobre a proteção e melhoramento do meio ambiente em toda sua dimensão humana. É igualmente essencial que os meios de comunicação de massa evitem contribuir para a deterioração do meio ambiente humano e, ao contrário, difundam informação de caráter educativo sobre a necessidade de protegê-lo e melhorá-lo, a fim de que o homem possa desenvolver-se em todos os aspectos. (DECLARAÇÃO DE ESTOCOLMO-PRINCIPIO 19 – ANO 1972)

A Conferência de Estocolmo provocou no Brasil o aumento da preocupação relativa ao meio ambiente, e às condições ambientais saudáveis para a efetivação deste direito:

O homem tem o direito fundamental à liberdade, à igualdade e ao desfrute de condições de vida adequadas, em um meio ambiente de qualidade tal que lhe permita levar uma vida digna, gozar de bem-estar e é portador solene de obrigação de proteger e melhorar o meio ambiente, para as gerações presentes e futuras [...] Os recursos naturais da Terra, incluídos o ar, a água, o solo, a flora e a fauna e, especialmente, parcelas representativas dos ecossistemas naturais, devem ser preservados em benefício das gerações atuais e futuras, mediante um cuidadoso planejamento ou administração adequados[...] (MORAES, 2001, p. 668)

O avanço do sistema jurídico brasileiro, no que se refere ao tema ambiental, pode ser percebido a partir do exame das leis, que revelam o compromisso de estimular o exercício da cidadania e promover a garantia a um meio ambiente sadio para a atual e as futuras gerações. Destaca-se entre as prescrições legais a Constituição da República Federativa do Brasil, sancionada em 1988, que trouxe para o campo legal o tema “meio ambiente”. O artigo 225 expressa que:

“Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para presentes e futuras gerações.”

Nesta perspectiva jurídica, nota-se no 1º parágrafo deste aludido artigo, que “§1º para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao poder público: VI – promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.”

Silva reforça esta perspectiva ao afirmar (2010, p. 58):

Temos dito que o combate aos sistemas de degradação do meio ambiente convertera-se numa preocupação de todos. A proteção ambiental, abrangendo a preservação da Natureza em todos os seus elementos

essenciais à vida humana e à manutenção do equilíbrio ecológico, visa a tutelar a qualidade do meio ambiente em função da qualidade de vida, como uma forma de direito fundamental da pessoa humana. (SILVA, 2010, p.58)

Lei Federal Nº. 9.795 - Educação Ambiental – definição, conceito, princípios e objetivos fundamentais.

Embora a CF/88 não tenha informações pormenorizadas referentes à Educação Ambiental, deixou marcas indelévels do dever do Estado de promovê-la:

#### **Constituição Federal de 1988**

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º - Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:

IV - exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade;

Em 27 de abril de 1999, é promulgada a Lei Federal Nº. 9.795 que dispõe sobre a Educação Ambiental e estabelece a Política Nacional de Educação Ambiental, favorecendo a inclusão da matéria Meio Ambiente em espaços de educação formal e não formal. Esta lei ampliou na sociedade, a necessidade de pensar os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade.

O ordenamento jurídico (Lei 9.795/99) define e conceitua Educação Ambiental em seu artigo primeiro, conforme abaixo:

Artigo 1º Entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do Meio Ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua Sustentabilidade.

A Lei 9795/99 da Política Nacional de Educação Ambiental, ainda em sua parte introdutória dispõe, em seu artigo 3º sobre o DIREITO de todos à educação ambiental e direciona as tarefas de cada órgão para sua efetivação:

Art. 3º Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental, incumbindo:

I - ao Poder Público, nos termos dos arts. 205 e 225 da Constituição Federal, definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente;

II - às instituições educativas, promover a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem;

III - aos órgãos integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente - Sisnama, promover ações de educação ambiental integradas aos programas de conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente;

IV - aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua Programação;

V - às empresas, entidades de classe, instituições públicas e privadas, promover programas destinados à capacitação dos trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o ambiente de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente;

VI - à sociedade como um todo, manter atenção permanente à formação de valores, atitudes e habilidades que propiciem a atuação individual e coletiva voltada para a prevenção, a identificação e a solução de problemas ambientais.

Para que se faça entender o alcance ético, jurídico e social desta doutrina, é basilar o entendimento dos oito princípios da Educação Ambiental:

Art. 4º São princípios básicos da educação ambiental:

O enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;  
A concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;  
O pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;  
A vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;  
A garantia de continuidade e permanência do processo educativo;

A permanente avaliação crítica do processo educativo;  
A abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;  
O reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

O indivíduo aspira a satisfação plena de suas necessidades vitais, que os constitui como ser, e esta, se dá por meio do processo de ensino e aprendizagem. Verifica-se no aprofundamento do quinto artigo, que a educação não é associada apenas com a sobrevivência. Ela é plena e complexa ao englobar inúmeros aspectos para a saúde física: biológica, emocional, psicológica e existencial:

Art. 5º São objetivos fundamentais da educação ambiental:

I - o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;

II - a garantia de democratização das informações ambientais;

III - o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;

IV - o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania;

V - o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade;

VI - o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia;

VII - o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.

A incidência obrigatória dos princípios constitucionais no Direito Ambiental retrata a preocupação com a formação de uma ordem jurídica mais atenta aos desafios da contemporaneidade, entre os quais se encontra o desenvolvimento

sustentável. Ao refletir a qualidade do meio ambiente como direito básico da humanidade, Milaré (2007) ainda destaca que,

No Direito do Ambiente, como também na gestão ambiental, a sustentabilidade deve ser abordada sob vários prismas: o econômico, o social, o cultural, o político, o tecnológico, o jurídico e outros. Na realidade, o que se busca, conscientemente ou não, é um novo paradigma ou modelo de sustentabilidade, que supõe estratégias bem diferentes daquelas que têm sido adotadas no processo de desenvolvimento, sob a égide de ideologias reinantes desde o início da Revolução Industrial, estratégias estas que são responsáveis pela insustentabilidade do mundo de hoje, tanto no que se refere ao planeta Terra quanto no que interessa à família humana em particular. Em última análise, vivemos e protagonizamos um modelo de desenvolvimento autofágico que, ao devorar os recursos finitos do ecossistema planetário, acaba por devorar-se a si mesmo. (MILARÉ, 2007, p.70)

Dentro deste contexto, nasce o sentimento de auto responsabilidade que provoca mudanças de atitude frente ao meio ambiente, e, a educação assume um papel de grande relevância em toda e qualquer ação humana. (JACOBI, 2005, p. 238) ressalta que:

[...] a noção de sustentabilidade implica a prevalência da premissa de que é preciso determinar uma limitação definida nas possibilidades de crescimento e um conjunto de iniciativas que levem em conta a existência de interlocutores e participantes sociais relevantes e ativos por meio de práticas educativas e de um processo de diálogo informado, o que reforça um sentimento de coo-responsabilização e de constituição de valores éticos. (JACOBI, 2005, p. 238)

## 1.2 MEIO AMBIENTE: RECONHECIMENTO + IDENTIDADE + AFETIVIDADE = VALOR

Segundo Leonardo Boff (2001, p. 38), para cuidar do ambiente, é preciso desenvolver uma ética da afetividade. É através do sentimento, do “cuidado”, que acontece o despertar para o zelo e a autopreservação, conforme ressaltou:

Tudo começa com o sentimento. É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que nos faz gostar ou desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas. É o sentimento que produz encantamento face à grandeza dos céus, suscita veneração diante da complexidade da Mãe-Terra e alimenta enternecimento face à fragilidade de um recém-nascido. É o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos,

chama-se cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indeléveis e permanece definitivamente. BOFF, 2001, p. 38.

Para incrementar a relação de afetividade do indivíduo com o ambiente busca-se apoio no processo educacional, que há algumas décadas vêm sendo reconhecido como uma alternativa de trabalhar com essas questões, e de modificar as relações sociedade-natureza. Porém, o cenário da Educação Ambiental é marcado por inúmeros interesses, compreensões e posicionamentos que necessitam ser observados, porque refletem diretamente no modelo e na qualidade das práticas desenvolvidas.

Quanto ao Valor, explicando-o de uma forma simplificada, dir-se-ia ser algo a que se lhe atribui importância, ou um elemento simbólico de uma determinada cultura. O sentimento de afeto, cuidado e bem querer, que o indivíduo direciona para um objeto, lugar ou pessoa pode ser considerado um valor.

A presença dos sentimentos positivos torna-se essencial para que o objeto da projeção seja considerado um valor pelo sujeito. “A educação deve pautar-se cotidianamente em valores de democracia, de ética e de cidadania.” (ARAÚJO, 2007, p. 19) O autor apresenta a definição de “valores” e “contravalores”. A partir das experiências positivas são formados os valores enquanto as experiências negativas geram os contravalores, que “vão se organizando em um sistema de valores e se incorporando à identidade das pessoas, às representações que elas fazem de si.” (ARAÚJO 2007, p.23)

Entretanto, relações geram conflitos. E a sociedade não nasce já preparada para compartilhar e resolver conflitos. Daí, a ideia de uma educação baseada em propostas de resolução de conflitos que valorize a cooperação, a autoconfiança e confiança nos semelhantes. Esta forma educacional leva a uma forma de convivência mais satisfatória e à melhoria da qualidade de vida. Este mesmo autor apostolava que formação dos valores está intrinsecamente vinculada à afetividade. Valores são resultados da interatividade do sujeito com o mundo objetivo e subjetivo em que vive. E indivíduos que crescem em um mesmo ambiente podem a partir de suas experiências e percepções individuais, construir e compartilhar valores diferentes.

Há um entendimento de que o sujeito é mais atuante, mais protagonista, na medida em que seus valores são derivados de contextos afetivos, gestados nas



relações com o mundo, (FREIRE, 1996, p. 32). Os valores não são, portanto, inculcados pela sociedade em sujeitos inertes e passivos. Ampliando o raciocínio, compreende-se que um objeto, um ambiente, um indivíduo podem se transformar em valor se sobre eles forem projetados sentimentos afetivos.

Os sentimentos nutridos pelo sujeito podem ser positivos ou negativos. Aproximando a projeção afetiva do ambiente escolar, revelam-se dados interessantes para esta pesquisa: Quando o indivíduo gosta da escola, quando ele percebe que o espaço foi cuidadosamente elaborado para seu bem estar, quando ele detecta a satisfação de suas demandas, quando ele é convidado a interagir, pensar, descrever e criar e recriar o seu espaço, ele – o próprio ator - é validado. Porque é ouvido, respeitado, e incentivado. O aluno vê sentido no que aprende ali, e a instituição escolar pode virar alvo de projeções afetivas positivas, tornando-se para ele um valor. Por outro lado, quando o aluno se percebe em um ambiente hostil, descuidado, afetivamente insípido, desumanizado, e ainda, se vê humilhado, e desrespeitado, ele projeta neste espaço, sentimentos negativos. Nesse caso, por ser (para ele), um ambiente desagradável, desqualificado, ele pode ser depredado, pichado, ignorado (CARVALHO 2010).<sup>1</sup>

Interpretar o processo psicológico do ser humano e suas inter-relações como os outros seres, com os sentimentos e com o mundo à sua volta pode contribuir na criação de métodos e estratégias educativas mais eficazes, na construção real de valores éticos pretendidos por uma sociedade que busca promover o crescimento do indivíduo alicerçado na justiça social, na igualdade, na equidade e na felicidade para cada um, e todos os demais seres humanos. Cabe à escola estabelecer como meta a minimização dos sintomas segregacionistas, através de uma educação inclusiva, participativa, em que o indivíduo se encontre e se identifique. Uma educação mais humana em que a subjetividade individual de cada educando seja validada e tenha espaço para emergir (CARVALHO, 2010, p. 47)

Os sentimentos como de apego e zelo ao lugar, depende da forma que os indivíduos interagem afetiva e geograficamente, assim como a força das relações estabelecidas. Reforçando este aspecto, TUAN (1980, p. 68) preconiza:

---

<sup>1</sup> Um caso emblemático se deu na cidade do Rio de Janeiro quando os vagões de trem e as estações deixaram de ser depredados após serem remodeladas e decoradas

“Para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos analisar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto de seu ambiente físico. Em um dos casos é possível distinguir nitidamente entre os fatores culturais e o papel do meio ambiente físico. Os conceitos “cultura” e “meio ambiente” se superpõem do mesmo modo que os conceitos “homem” e “natureza”.

Este ponto de vista também é compartilhado por Giuliani (2004, p. 89-90) ao salientar que:

[...] talvez não exista nenhum sentimento de afinidade mútua, comunidade, fraternidade entre as pessoas, seja ele formal ou não, institucionalizado ou não – nem nenhum sentimento de diversidade, aversão, hostilidade –, que não esteja relacionado de alguma forma a questões de lugar, território e apego a lugares.

## 2 TEATRO: ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Associando arte ao contexto de educação ambiental, entende-se que exercício da criatividade é próprio do ser humano por suas oportunidades de inúmeras combinações, ideias, sentimentos e experimentações em diferentes âmbitos do conhecimento. A arte estimula práticas culturais incessantemente, e estas manifestam valores, amplificando a habilidade de compreender o meio em que vive. Desta forma, ao configurar qualquer acontecimento, o homem também se modifica, porque está se inter-relacionando continuamente com o ambiente, incluindo a arte nesta transformação. Sobre isto, Sato (2001) alega que:

A natureza nunca pode ser separada de alguém que a percebe, ela nunca pode existir efetivamente em si porque suas articulações são as mesmas de nossa existência e porque ela se estabelece no fim de um olhar ou ao término de uma exploração sensorial que a investe de humanidade. (SATO, 2001).

Com estas características, a arte, como experiência sensorial e criativa, permite instaurar um contato imediato com o entorno, percebendo-o em toda sua multiplicidade. Stanislavsky (1979) salienta que só a arte é capaz de arrebatrar e envolver o homem, tornando-o apto a conceber os acontecimentos do mundo através da interiorização. O que o ser humano aprende por meio das artes, enobrecerá seu interior e não será esquecido. Com grande mérito educativo, a arte proporciona experiência estética e sensível.

Como instrumento de arte-educação, o teatro, é uma das mais privilegiadas formas de expressão, pelo poder intrínseco de unir diversas linguagens artísticas: artes plásticas, literatura, música, fotografia e dança. Tem uma enorme capacidade de comunicação, que atinge diversas potencialidades humanas: sensibilidade, imaginação e entendimento. Utilizando as artes cênicas no ambiente escolar, estimulam-se nos grupos vontade para expressarem suas motivações, expectativas, afetividades e conhecimentos relacionados à Educação Ambiental.

O teatro proporciona o aprendizado através da observação. É esta capacidade dos seres humanos de examinar a si e ao outro em ação, de pensar suas emoções, e se emocionar, de experimentar diferentes papéis que torna esta forma de arte uma das mais expressivas para a apreensão holística das questões

ambientais. Para Boal, teatro é a arte do ser humano de se ver, vendo o outro, se imaginar adiante, ele pode se ver como é agora e se imaginar como será amanhã (BOAL, 1998, p. 15).

Através do teatro, o aluno experimenta e apresenta para a plateia uma nova visão de mundo. Nesse aspecto, o trabalho artístico atua sobre os que fazem e os que assistem, de acordo com VÁSQUEZ (1978), este processo proporciona conhecimento, porque age

...transformando a realidade exterior, partindo dela para fazer surgir uma nova realidade, ou obra de arte. O conhecer artístico é fruto de um fazer; o artista não converte a arte em meio de conhecimento copiando uma realidade, mas criando outra nova. A arte só é conhecimento na medida em que é criação. Tão somente assim pode servir à verdade e descobrir aspectos essenciais da realidade humana. (VÁSQUEZ 1978, p. 36).

As artes cênicas, portanto, como prática educativa, necessariamente social, se realiza no interior das relações sociais e nessas relações é que se constitui como um fenômeno crítico e transformador. CARTAXO (2001) preconiza que este aspecto potencializa a função da associação do teatro com a educação.

“...faz do teatro um instrumento indispensável ao processo educativo, cuja linguagem desperta, provoca, sensibiliza e educa a quem vivencia e a quem assiste, possibilitando assim, a formação de um homem novo, capaz de contribuir na construção de uma sociedade justa, fraterna e igualitária.” (CARTAXO, 2001, p. 37)

Viola Spolin (1987) explica as inter-relações entre teatro e educação, por meio da linguagem cênica, do jogo e da improvisação, como formas naturais de expressão da espécie humana, utiliza a estrutura do jogo com regras como base para o treinamento técnico do teatro para tentar libertar os participantes de comportamentos mecanicistas e massificados

Os jogos teatrais podem trazer o frescor e vitalidade para a sala de aula. As oficinas de jogos teatrais não são designadas como passatempo do currículo, mas sim como complementos para aprendizagem escolar, ampliando a consciência de problemas e idéias fundamentais para o desenvolvimento intelectual dos alunos. (SPOLIN, 2007, p. 29)

Através dos jogos teatrais é possível imaginar situações difíceis do dia-a-dia, reproduzi-las e representá-las cenicamente e buscar soluções em grupo. Aplica-se,

portanto, para a resolução de qualquer problemática que parta da realidade e do contexto histórico-social da comunidade e/ou da escola.

O jogo teatral contribui na formação de pessoas críticas e abertas ao diálogo, porque propõe um problema a ser equacionado, cuja solução deve ser encontrada em grupo e não isoladamente. Isso permite o envolvimento, a participação, o diálogo, a criatividade, o improviso e a intuição que são vitais para a aprendizagem. Assim o educando se torna o foco da aprendizagem.

## 2.1 CONSTRUINDO ATORES: SENSIBILIZANDO E ECOLOGIZANDO

Mesmo diante do progressivo aumento das preocupações da sociedade com o meio ambiente, a falta de conhecimento ou de uma melhor conscientização, ainda hoje é matriz para comportamentos inadequados em relação à biosfera do nosso planeta. “Apesar dos inegáveis avanços tecnológicos pós-industriais, a humanidade inicia o século XXI lutando, não apenas por solo, mas também por água e ar, num ambiente que remonta à era pré-industrialista” (DIAS, 2000, p. 19)

Está provado que apenas através da variável educacional, um país alcança o equilíbrio ambiental e cultural. Neste encadeamento, cabe a educação ambiental especial importância como ligação principal de todas as ações voltadas para a questão ambiental. Por meio da promoção da Educação Ambiental o sujeito obtém informações, que, proporcionam a ampliação do olhar sobre as principais questões ambientais e provocam uma mudança de valores e atitudes em relação ao meio natural. A citação seguinte, feita por Libâneo (2005), reforça a importância da educação para a vida no planeta, posto que, respeitando as diferentes realidades, humaniza, socializa e individualiza.

É o processo por meio do qual um membro da espécie humana, desprovido dos instintos e das capacidades que lhe permitiriam sobreviver rapidamente sozinho se apropria, graças à mediação dos adultos, de um patrimônio humano de saberes, práticas, formas subjetivas, obras. Essa apropriação lhe permite se tornar, ao mesmo tempo e no mesmo movimento, um ser humano, membro de uma sociedade e de uma comunidade, e um indivíduo singular, absolutamente original. A educação é, assim, um triplo processo de humanização, de socialização e de singularização. Esse triplo processo é possível apenas mediante a apropriação de um patrimônio humano. Isso quer dizer que a educação é cultura, em três sentidos que não podem ser dissociados. (CHARLOT, 2000 *Apud* LIBÂNEO, 2005, p. 4 e 5)

Na luta pela universalização do acesso ao meio ambiente equilibrado e saudável, é fundamental promover um olhar atento à realidade em que se vive, uma vez que para modificá-la é primordial que a sociedade compreenda os múltiplos aspectos relacionados ao ambiente saudável de direito. A população deve ser sensibilizada para o problema e vir a estar disposta a contribuir, a trabalhar conjuntamente com os organismos governamentais no processo de uso sustentável, no controle e preservação dos recursos naturais.

Os educadores têm um papel fundamental na introdução da educação ambiental na rotina acadêmica, certificando os alunos, para uma atitude crítica frente à crise socioambiental, concebendo como perspectiva a modificação de hábitos e práticas sociais e a geração de consciência cidadã que os estimule para o enfrentamento das questões ambientais e sociais no seu significado mais abrangente.

Para reversão do processo crescente de degradação dos ambientes naturais, é imprescindível elaborar ações educativas que desenvolvem a compreensão sistêmica em relação à biosfera e estimulem a participação popular, engajada e consciente, no enfrentamento deste problema. Esta deve colocar-se ativamente nos centros das discussões, onde são decididas as prioridades dos empreendimentos, exercendo controle social ao longo do processo. Portanto, a Educação Ambiental apresenta-se também como um patamar fundamental para o exercício da cidadania, por proporcionar o processo de experimentação, vivência e tomada de consciência crítica, sobre os problemas e os riscos ambientais, gerando cidadãos que, conhecendo seus direitos fundamentais, possam exigir, de forma mais contundente, um meio ambiente saudável e equilibrado, bem como, assumir sua parcela de responsabilidade na tutela ambiental.

Para a construção de atores sensíveis aos problemas ambientais recomenda-se inicialmente ultrapassar o reducionismo com que muitas ações educativo-ambientais tratam essa associação, não valorizando em excesso a prática em detrimento da teoria ou supervalorizando a teoria deixando de lado a prática. A ação-reflexão-ação que tem a prática social como ponto de partida e de chegada, é aqui elemento central, compreendida como práxis. Segundo CARTAXO (2001, p. 37) a linguagem teatral em escolas deve ser utilizada observando atentamente este equilíbrio ação-reflexão-ação, para que de fato, haja uma contribuição efetiva para o processo de ensino-aprendizagem. O autor defende ainda o uso do teatro enquanto

recurso didático como indispensável ao processo educativo, porque desperta, provoca, sensibiliza e educa a quem vivencia e a quem assiste, possibilitando assim, a formação de um homem novo, capaz de contribuir na construção de uma sociedade justa, afetiva e equânime.

Observa-se que uma educação que procura caminhar na direção da transformação de uma realidade, implica diretamente na participação dos sujeitos que estão envolvidos no processo, cabendo ao educador, assumir os dois papéis, de orientador e de participante, e ainda manter o foco voltado para a necessária emergência dialógica da consciência dos sujeitos na direção de mudança de percepção e de comportamento social e ambiental. Toda ação humana acompanha de perto a própria tomada de consciência permite a BOAL (1996, p. 27) afirmar que:

“O teatro é a primeira invenção humana e é aquela que possibilita e promove todas as outras invenções e todas as outras descobertas. O teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. Descobre que pode ver-se no ato de ver ver-se em situação.”

Sensibilizando e ecologizando através das artes cênicas. Na definição de BOAL (1996) é o teatro a linguagem artística mais próxima do cotidiano e por esta característica, a que mais facilmente alcança a consciência dos atores sociais:

Teatro – ou teatralidade – é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo, em ação, em atividade. O autoconhecimento assim adquirido permite-lhe ser sujeito (aquele que observa) de um outro sujeito (aquele que age); permite-lhe imaginar variantes ao seu agir, estudar alternativas. O ser humano pode ver-se no ato de ver, de agir, de sentir, de pensar. Ele pode se sentir sentindo, e se pensar pensando. (BOAL, 1996, p. 27)

Em essência, o fenômeno teatral permite o afastamento do sujeito de si mesmo, de maneira tal que pode se analisar-se e refletir sobre suas ações. O teatro está intimamente ligado a capacidade crítico-reflexiva, esta capacidade confere ao teatro um potencial educativo, na medida em que permite ao homem aprimorar suas ações.

Na representação artística teatral, a intenção do ato, é enfatizada, de forma estética. Para BOAL (1996, p. 9) isso se dá porque:

A linguagem teatral é a linguagem humana por excelência, e a mais essencial. Sobre o palco, atores fazem exatamente aquilo que fazemos na vida cotidiana, a toda hora e em todo lugar. Os atores falam, andam,

exprimem ideias e revelam paixões, exatamente como todos nós em nossas vidas no corriqueiro dia-a-dia. A única diferença entre nós e eles consiste em que os atores são conscientes de estar usando essa linguagem, tornando-se, com isso, mais aptos a utilizá-la.

A mesma relação entre atividades dramáticas e o cotidiano é apontada por REVERBEL:

“As capacidades intelectuais como a espontaneidade, a imaginação, a observação, a percepção e o relacionamento social, inatas em todo ser humano, mas que necessitam desenvolver-se mais e mais encontram nas atividades dramáticas o seu maior estímulo. As habilidades físicas – voz, olhar, gestos, movimento, equilíbrio, flexibilidade, expressão corporal e verbal – desenvolvem-se através dos exercícios dramáticos.” (REVERBEL, 2002, p. 9)

Nas páginas seguintes, vários autores vão referendar os aspectos que são trabalhados quando o teatro educação entra para intermediar a relação do homem com o seu ambiente: diálogo pertencimento, cidadania, criticidade e protagonismo. Conclui-se este capítulo enfatizando que a sensibilização das pessoas preconiza uma mudança de paradigma na reflexão do ambiente como um todo, para se tornar possível vivenciar princípios de vida sustentável.

## 2.2 DIALOGO

Diante da evidencia de que a promoção da qualidade de vida está relacionada de forma indissociável ao processo de proteção dos ambientes naturais, é preciso inverter a lógica corrente, onde os trabalhos de educação ambiental são ações pontuais sem responsabilidade com sua função transformadora, passando para um processo contínuo e dialógico, no qual a população imbuída da vontade consciente de atuar, se organize, buscando aprofundar o conhecimento de sua realidade e a partir da leitura feita, reivindique ações pautadas em suas reais prioridades. Faz-se indispensável estabelecer o diálogo, aperfeiçoar a capacidade da escuta das demandas, para disseminar ações educativas que proporcionem a assimilação sistêmica que a situação invoca e estimular a participação popular, empenhada e consciente.



Loureiro (2004, p.24) afirma que o diálogo é à base da educação:

Diálogo entendido em sentido original de troca e reciprocidade, oriundo do prefixo grego *dia*, tornando-se a base da educação. Numa perspectiva transformadora e popular de Educação Ambiental, nos educamos dialogando, com nós mesmos, com aquele que identificamos como sendo de nossa comunidade, com a humanidade, com os outros seres vivos, com os ventos, as marés, os rios, enfim, o mundo.

Nesse âmbito, a Educação Ambiental constitui-se numa grande ferramenta de atuação que busca, por meio de ações articuladas, favorecer a autonomia dos sujeitos sociais envolvidos e, desta maneira, despertar e estimular o protagonismo cidadão na condução das mudanças esperadas. Sobre este aspecto Carvalho (2010) de forma assertiva assim expressa:

Um dos grandes desafios contemporâneos para a gestão e a educação ambiental é a busca da negociação entre nativos e exóticos, local e global, sustentabilidade e conservação. Neste sentido, a contribuição de uma antropologia ecológica e simétrica pode ser oportuna para pensar as possibilidades de articulação entre a biodiversidade e a diversidade cultural. Por outro lado, uma análise de perspectiva antropológica pode abrir um espaço para a escuta de vozes locais e deixar emergir os modos como diferentes atores sociais recebem de fato a ação da gestão ambiental e dos movimentos ambientalistas. (CARVALHO, 2010, p.17)

A autora continua acentuando outro aspecto que deve ser observado: respeito à diversidade e capacidade de ouvir verdadeiramente às diferentes demandas de cada localidade, de cada grupo de indivíduos, portadores de interesses dispares, complexos e legítimos:

Neste sentido, pensamos que a abordagem antropológica como método de aproximação a experiências vividas e análise de sentidos localmente produzidos, no estudo de questões ambientais pode quebrar certas idealizações e, positivamente, aproximar os movimentos ecológicos e os educadores ambientais das realidades que estes desejam de algum modo transformar. O não enfrentamento destes diferentes modos de vida, estilos e interesses na apropriação e gestão do ambiente como espaço de vida pode alimentar um discurso ecológico abstrato, vazio, cuja retórica se não encontra oposição evidente tampouco é capaz de engajar pessoas e mobilizar ações e interesses sociais. (CARVALHO, 2010, p.18)

## 2.3 PERTENCIMENTO

Outro aspecto fundante a ser contemplado é a questão do pertencimento. Vive-se em um lugar, pertencendo a ele, mas sem a consciência das próprias ações, dos fatos e acontecimentos locais e globais, e quais mudanças são necessárias. Para que se pertença a um lugar o indivíduo deve sentir que faz parte dele e, principalmente, que é responsável por ele:

Pertencer, no sentido de identificar-se com um lugar ou um espaço, conhecer suas raízes, pode conduzir em direção à liberdade, autonomia, emancipação, a um sentido ontológico frente à vida, ao entorno, às pessoas. Nesta perspectiva, a construção do sentimento de pertencimento baseia-se no princípio da responsabilidade (COUSIN, 2010).

Tanto para Braguirolli (2002), quanto para Sorrentino et al. (2005), a Educação Ambiental deve ter a participação popular estimulada e legitimada para que se reforce o sentimento de pertencimento no grupo, e este, não se revela apenas como condição crucial para a aprendizagem, mas também um elemento característico do conteúdo desta:

1. a comunidade (rural, urbana, da escola, do hospital, do bairro...) se reconheça na história, na realidade e no destino partilhados. Este reconhecimento pode contribuir para a recostura do tecido social, para a criação e/ou fortalecimento de espaços de convívio e/ou diálogo visando o enfrentamento da realidade distópica e também na busca das utopias coletivas;
2. haja uma capacitação local para produzir novos acordos (códigos sociais e de posturas) projetos, ações e negociações;
3. mapeiem-se os obstáculos objetivos, estruturais e políticos, conforme a transformação desejada para assim possibilitar a instrumentalização local para o enfrentamento;
4. o projeto de futuro oriente a construção do currículo da Educação Ambiental; ou seja o currículo mínimo é mesmo mínimo, o restante do currículo deve ser autogerido (negociado e acessado) dentro do contexto das necessidades de reflexões coletivas, como em qualquer comunidade que vê, julga e age sobre sua realidade;
5. percebam-se as relações desta comunidade com outras e com decisões tomadas fora de seu espaço (heteronomia), assim como sua influência sobre outros espaços (SORRENTINO et al., 2005, p.112).

## 2.4 CIDADANIA

O encargo estabelecido pela comunidade escolar está baseado na edificação de um espaço pautado nas trocas solidárias, participativas e dialógicas, onde o saber seja construído apoiado nos saberes populares, culturais e científicos, com o envolvimento de todos os atores da comunidade. Os problemas locais que atinjam diretamente ao grupo envolvido devem ser evidenciados acima dos desejos individuais. Assim a escola pode realizar um trabalho de qualidade social e de vivência da cidadania.

A Educação Ambiental não atua somente no plano das idéias e no da transmissão de informações, mas no da existência, em que o processo de conscientização se caracteriza pela ação com conhecimento, pela capacidade de fazermos opções, por se ter compromisso com o outro e com a vida (LOUREIRO, 2004, p.28).

O incentivo à cidadania, ao diálogo na diversidade, à participação popular, à afetividade relacionada ao ambiente e ao resgate de valores, são destinos a serem percorridos por toda escola que se pretenda ambientalmente educadora. Sorrentino (2000) é um dos autores que compartilham a elaboração de ambiente neste contexto. A escola,

...pode contribuir e contribuirá para a construção de sociedades sustentáveis, cuja característica básica será o avanço em direção à não exploração do ser humano pelo seu semelhante, à melhoria da qualidade de vida para todos e à não exploração ou degradação das condições de vida das demais espécies pela nossa. (SORRENTINO, 2000, p.112).

## 2.5 CRITICIDADE

Entre as características básicas, relacionadas a Educação Ambiental com vistas a Cidadania estão a criticidade e o caráter emancipatório, defendidos por Carvalho (2010); Layrargues (2002); Sauv  (2005) e Freire (2000). A Educação Ambiental crítica, contrasta com o modelo reducionista e arbitrário da sociedade com maior apego ao mercado, ao consumo desenfreado, vai de encontro ao cientificismo cartesiano e ao distanciamento entre sociedade e natureza. Ela preconiza uma nova

leitura de mundo apta a tecer a transformação da realidade pela práxis educativa, uma nova vivencia educativa que reflete escolhas. Também Guimarães (2004) reitera que a contraposição a um modelo retrógrado e desmembrado de sociedade, efetiva-se na Educação Ambiental crítica, ao assegurar que,

...a educação ambiental crítica objetiva promover ambientes educativos de mobilização desses processos de intervenção sobre a realidade e seus problemas socioambientais, para que possamos nestes ambientes superar as armadilhas paradigmáticas e propiciar um processo educativo, em que nesse exercício, estejamos, educandos e educadores, nos formando e contribuindo, pelo exercício de uma cidadania ativa, na transformação da grave crise socioambiental que vivenciamos todos. Guimarães (2004, p.30)

## 2.6 PROTAGONISMO

Boff (2000) e Marcos Reigota(1998, p.12) também reconhecem como ponto fundante as preocupações em torno de ações que afetem a saúde do ambiente, os autores defendem a necessidade de uma força conjunta, uma operação envolvendo união e protagonismo coletivo - participação de todos interferindo planejadamente no meio em que vivem:

A educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza... procurando incentivar o indivíduo a participar ativamente da resolução dos problemas no seu contexto de realidades específicas... pois os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão às soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs (REIGOTA, 1998, p.12)

Milton Santos fala sobre os avanços do homem no domínio da natureza, um caminho ascendente que marcou a historia do planeta. Esta força interna deve neste momento ser mais uma vez mobilizada, agora, de forma participativa para a reversão da artificialização insustentável por ele criada.

[...] esse pedaço de mundo é, da natureza toda de que ele pode dispor seu subsistema útil, seu quadro vital. Então há descoordenação entre grupos humanos dispersos, enquanto se reforça uma estreita cooperação entre cada grupo e o seu Meio [...] A história do homem sobre a Terra é a história de uma rotura progressiva entre homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre

como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-o de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Hoje, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução (SANTOS, 1994, p.5).

Finalizam-se estes aspectos, Protagonismo e Participação, recorrendo mais uma vez aos ensinamentos de Marcos Reigota:

...temos grandes chances de vencer muitas barreiras, mas para isso é preciso a participação de todas as instâncias e o envolvimento dos movimentos sociais. Nesse contexto, creio ser cada vez mais importante que todos nós envolvidos com a educação ambiental nas universidades, institutos de pesquisa, ONGs e instituições públicas tenhamos claro a importância da competência técnica. Precisamos deixar de lado as explicações e argumentações ingênuas (embora ricas em capital simbólico) que são amplamente difundidas no nosso meio. Temos que nos afastar dos argumentos científicos *fastfood*, que se querem “holísticos”, mas, que banalizam e simplificam a complexidade política e ecológica da educação. Só uma perspectiva transdisciplinar que alie as contribuições dos diversos saberes, sensibilidades e vivências poderá nos garantir um mínimo de competência técnica. É necessário pesquisar, estudar, dialogar, ampliar os nossos argumentos com base no que há de sólido e pertinente na cultura, nos movimentos sociais e na produção científica contemporânea. É necessário produzir conhecimentos e intervenções pedagógicas que levem em consideração as particularidades e singularidades culturais, políticas, sociais e ecológicas. (REIGOTA, 2004, p. 3).

## 2.7 PROCESSOS SOCIOEDUCATIVOS AMBIENTAIS: PRÁXIS TRANSVERSAL

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), os conteúdos de Meio Ambiente foram agregados às outras matérias do conhecimento, numa associação transversal, de forma tal que permeia todas as práticas educativas. Neste documento simultaneamente registra-se educação como elemento indispensável para a transformação da consciência ambiental, levando-se em conta os aspectos físicos e histórico-sociais.

“Trabalhar de forma transversal significa buscar a transformação dos conceitos, a explicitação de valores e a inclusão de procedimentos, sempre vinculados à realidade cotidiana da sociedade, de modo que obtenha cidadãos mais participantes. Cada professor, dentro da especificidade de sua área, deve adequar o tratamento dos conteúdos para contemplar o Tema Meio Ambiente, assim como os demais Temas Transversais. Essa adequação pressupõe um compromisso com as relações interpessoais no âmbito da escola, para haver explicitação dos valores que se quer transmitir e coerência entre estes e os experimentados na vivência escolar, buscando desenvolver a capacidade de todos para intervir na realidade e transformá-

la, tendo essa capacidade relação direta com o acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade.” (BRASIL, 2011, p.193)

As expressões artísticas, em especial as artes cênicas se constituem como importantes ferramentas para o exercício da transversalidade na educação ambiental. Também a interdisciplinaridade, é facilitada neste processo. Sobre este aspecto, CARTAXO (2001, p. 60) nos diz que:

“Como o ensino das artes cênicas possibilita experiências de interdisciplinaridade, é oportuno que o professor trabalhe o texto dramático a partir da contextualização de outras disciplinas, ou considerando temas cujo conteúdo atinja interesses interdisciplinares”

Educação é o exercício de transmissão da experiência humana acumulada. Conjunto de conhecimentos, saberes, hábitos, modos de agir, crenças e sentimentos concebidos pela humanidade. Libâneo (2005, p. 30) a definiu conforme segue:

Educação compreende o conjunto dos processos, influências, estruturas, ações, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, dando uma configuração à existência humana individual e grupal.

Credita-se a ela – Educação - a possibilidade de levantar questões, contribuir de forma efetiva para a reflexão sobre causas e efeitos, buscar, discutir e consolidar práticas socioambientais transformadoras, encorajar a participação crítica, favorecendo a resolução de problemas e a capacidade decisória do indivíduo. É necessária implementação de novas práticas, e de um novo processo educativo dos indivíduos, que evidencie para estes que o meio ambiente não é desconectado da realidade, que tudo faz parte de um único sistema, que a todos os seres são interdependentes e fazem parte da mesma teia da vida. Contudo, não é suficiente a simples percepção; deve haver a conscientização, que de acordo com Freire,

...consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE, 1980, p. 26).

Se faz indispensável a inserção deste conhecimento, nas comunidades escolares, para possibilitar aos alunos, desde cedo, as habilidades para melhorar o relacionamento com a natureza. Dar voz a cada cidadão, incentivando-o, a saber-se, sentir-se e fazer parte, ajudando o planeta. É preciso investir na qualidade relacional estabelecida entre os seres vivos conciliando em um só tempo, uma atmosfera harmônica, de bem-estar e qualidade de vida, englobando família, amigos e vizinhos em um contato mais direto e respeitoso para com a natureza e mais empenho na procura de auto realização através do aprimoramento da expressão criativa em lugar do acúmulo de bens materiais.

A cultura da insustentabilidade, determinante do atual estilo de vida ocidental, somente poderá ser revista com a promoção da informação e da educação ambiental, ferramentas valiosas para avanços políticos e sociais que estimulam a humanidade na tomada de consciência dos benefícios da atuação socioambiental e solidária, em favor de um meio ambiente ecologicamente equilibrado, essencial à sadia qualidade de vida.

É pertinente apresentar as palavras da Ex Ministra do Meio Ambiente, Marina da Silva. Ao prefaciar o livro “Encontros e Caminhos: Formação de Educadoras (es) Ambientais e Coletivos Educadores”. A ambientalista, assim reflete a relevância da Educação Ambiental:

As respostas definitivas às questões contemporâneas requerem análise do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, e envolvem aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos. Com esse entendimento, a educação ambiental, integrada às demais políticas públicas setoriais, assume destacada posição para o diálogo, a parceria e a aliança, e pauta-se pela vertente crítica e emancipatória da educação, estimulando a autonomia do educando, de modo a desenvolver não apenas a ética ecológica no âmbito individual, mas também o exercício da cidadania.” (MMA, 2005, 05 p)

A emergente necessidade da Educação Ambiental surge quando se constata que, além da sua possibilidade de conscientizar, sensibilizar e incentivar os homens a interferirem no problema ambiental, adotando práticas sustentáveis, deve-se prioritariamente, despertar a humanidade do falso sonho de que o mundo é uma fonte de inesgotáveis recursos naturais.

No Brasil, a Educação Ambiental oficialmente adotada, é orientada para a transformação dos problemas reais do meio ambiente através de perspectivas interdisciplinares e da participação atuante de cada indivíduo e da coletividade. A

primeira Conferencia Intergovernamental que discutiu temas relacionados a Educação Ambiental, se deu no ano de 1977, em Tbilisi (Geórgia - antiga URSS). Foi organizada em conjunto pelo Programa de Meio Ambiente da ONU (PNUMA) e pela UNESCO. Neste encontro – considerado ainda hoje o mais relevante já realizado sobre o tema ambiental - foram determinados os sete princípios norteadores da educação ambiental em todo o planeta, conforme Marcatto (2002. p.18-19), ressaltou e acrescentou um oitavo, apresentados na sequência:

**1.Dinâmico integrativo** - é um processo permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornam aptos a agir, individual e coletivamente e resolver os problemas ambientais.

**2.Transformador** - possibilita a aquisição de conhecimentos e habilidades capazes de induzir mudanças de atitudes. Objetiva a construção de uma nova visão das relações do ser humano com o seu meio e a adoção de novas posturas individuais e coletivas em relação ao meio ambiente. A consolidação de novos valores, conhecimentos, competências, habilidades e atitudes refletirão na implantação de uma nova ordem ambientalmente sustentável.

**3.Participativo** - atua na sensibilização e na conscientização do cidadão, estimulando-o a participar dos processos coletivos.

**4.Abrangente** - extrapola as atividades internas da escola tradicional, deve ser oferecida continuamente em todas as fases do ensino formal, envolvendo a família e toda a coletividade. A eficácia virá na medida em que sua abrangência atingir a totalidade dos grupos sociais.

**5.Globalizador**- considera o ambiente em seus múltiplos aspectos: natural, tecnológico, social, econômico, político, histórico, cultural, moral, ético e estético. Deve atuar com visão ampla de alcance local, regional e global.

**6. Permanente** - tem um caráter permanente, pois a evolução do senso crítico e a compreensão da complexidade dos aspectos que envolvem as questões ambientais se dão de um modo crescente e contínuo, não se justificando sua interrupção. Despertada a consciência, se ganha um aliado para a melhoria das condições de vida do planeta.

**7. Contextualizador**- atua diretamente na realidade de cada comunidade, sem perder de vista a sua dimensão planetária.

**8. Transversal** - propõe-se que as questões ambientais não sejam tratadas como uma disciplina específica, mas sim que permeie os conteúdos, objetivos e orientações didáticas em todas as disciplinas. A educação



ambiental é um dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e Cultura. (MARCATTO, 2002. p.19)

Reforçando estes aspectos, Dias (2000, p. 83) admite que a Educação Ambiental.

[...] teria como finalidade promover a compreensão da existência e da importância da interdependência econômica, política, social e ecológica da sociedade; proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir conhecimentos, o sentido dos valores, o interesse ativo e as atitudes necessárias para proteger e melhorar a qualidade ambiental; introduzir novas formas de conduta dos indivíduos, nos grupos sociais e na sociedade em seu conjunto, tornando-a apta a agir em busca de alternativas de soluções para os seus problemas ambientais, como forma de elevação na qualidade de vida. (DIAS, 2000, p. 83)

### 3 OBJETIVOS E SUPOSTOS DO TRABALHO

Em se tratando de processos vivenciais, há de constar que se tornam primordial pesquisar ou sistematizar métodos e dinâmicas que facilitem o processo de sensibilização da comunidade escolar, para que se auto perceba como ator social-protagonista na construção do ambiente em que está inserido.

Busca-se refletir o ambiente em suas variadas ações e inter-relações no lócus de auto percepção dos valores, saberes e sentimentos na realidade das dificuldades materiais, de relacionamento social e com elevada degradação ambiental, associada ao desafio à educação cidadã crítico-emancipatória dos atores sociais implicados, estimulando o protagonismo popular na direção das mudanças sonhadas em bairro carente em Salvador, na Bahia.

Destarte, tem-se como objetivo **geral**, contextualizar práticas e expressões artísticas, com ênfase socioeducativa e ambiental na forma de pesquisa-ação, desenvolvida no contexto de uma escola pública municipal.

Como objetivos **específicos**, pretende-se:

- Descrever experiências de estreitamento da relação entre a arte e a educação ambiental, em uma escola pública soteropolitana;
- Refletir o papel da educação ambiental aliada à arte-educação na conservação do meio ambiente escolar;
- Estimular a classe estudantil e a comunidade do entorno a realizar ações ambientais em conjunto;
- Sistematizar aspectos e impactos metodológicos sobre a pesquisa na área ambiental e propor caminhos possíveis para a interlocução entre a escola e a comunidade.

Quanto à **justificativa** do tema, a escolha se insere na linha de pesquisa “Compreensão e atenuação de constrangimentos históricos, políticos, socioeconômicos e geográficos no planejamento ambiental”, por ser a que maior possibilidade apresenta para a reflexão, não só acadêmica, mas também da prática profissional. Esta pesquisa se justifica, portanto, por dois propósitos principais:

O primeiro propósito – pessoal - aquele que estimula a intenção de realizar a pesquisa é a oportunidade de ter contato com uma grande quantidade de trabalhos sobre educação ambiental participativa. O educador-investigativo, que tem a chance de se aproximar de vários trabalhos acadêmicos, amplia os horizontes sobre o objeto de estudo e amadurece seu discurso nos debates sobre educação ambiental nas instituições em que atua.

O segundo propósito – acadêmico - é o de identificar as correntes da Educação Ambiental que se estabelecem como uma possibilidade próspera de conduta que visa, por meio de atitudes sistematizadas, motivar a libertação crítica e emancipatória, dos atores sociais implicados e, com isso, estimular o protagonismo popular na direção das mudanças almejadas.

Nenhuma seleção é fruto do acaso. A escolha de um objeto de pesquisa traduz, dentre outras coisas, a própria história de vida da candidata a mestre, que acredita numa educação ambiental baseada em uma perspectiva holística de ação, que relaciona o homem, a natureza e o universo.

A pesquisa intitulada “Educação Ambiental na Escola Pública: Teatro em Práxis Peripatética como uma Estratégia de Desenvolvimento”, promove as artes cênicas a um lugar merecido de fundamental importância por seu poder comunicativo, como ponte de acesso na troca de conhecimentos, sentimentos e reflexões entre os indivíduos e o ambiente. E assemelha-se com uma práxis de animação peripatética, porque caminha trocando e somando saberes, realizando transformações visíveis por onde passa, e por se supor mais interativa, motivadora e aderente à realidade que se quer modificar. A relevância da pesquisa é evidenciada ao diagnosticar impactantes aspectos da educação ambiental no ambiente escolar, a relação entre eles e os desdobramentos provocados por disseminação planejada de informações na conscientização da comunidade estudantil.

Esta intenção e intervenção se justificam ainda, porque a análise dos dados que compõem seu resultado poderá indicar atitudes e condutas facilitadoras no processo ensino aprendizagem. Em síntese, serão expostas soluções criativas que podem contribuir para a geração de comportamentos ambientalmente corretos, e que devem ser aprendidos na teoria e na prática, no cotidiano da vida escolar e em comunidade, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis, felizes e reflexivos.

O indivíduo não é somente uma parte, ele é também natureza percebendo-se consciente. Guimarães (1995, p. 107) associou a Educação Ambiental conforme segue:

Confirma-se na EA o lema: “agir localmente e pensar globalmente, ressaltando-se que este agir e pensar não devem ser separados, mas constituem a práxis da EA que atua consciente da globalidade que existe em cada local e /ou indivíduo, consciente de que a ação local e /ou individual agem sincronicamente no global, superando a separação entre local e global, entre indivíduo e natureza, alcançando uma consciência planetária que não é apenas compreender, mas também sentir-se e agir integrado a esta relação: ser humano / natureza; adquirindo assim, uma cidadania planetária”.

A abordagem metodológica empregada é a pesquisa-ação, que se destinge por ser um tipo de análise social com base empírica que é entendida e efetivada em associação com uma prática ou a solução de um problema social.

Franco (2005) declara que se um pesquisador decidir por trabalhar com a linha de pesquisa-ação, por certo este investigador tem a convicção de que pesquisa e ação podem e devem caminhar juntas quando se pretende a transformação da realidade local.

O eixo da caracterização da abordagem da pesquisa-ação será sempre a direção, o sentido e a intencionalidade dessa transformação. Um processo onde os envolvidos estudam conjuntamente e de forma sistematizada uma situação, e estabelecem o objetivo de equacionar algum problema, ou tomar consciência, ou ainda produzir conhecimentos. (SATO; SANTOS, 2003) afirmam ainda que a pesquisa – ação é uma metodologia onde os pesquisadores reúnem dados, comprovações ou observações, para denunciar situações de injustiças, equívocos ou danos ambientais e apresentar propostas de mudanças. Os autores declaram finalmente, que não existe uma separação entre sujeito e um objeto de pesquisa, todos atuam protagonicamente para um resultado previamente estabelecido.

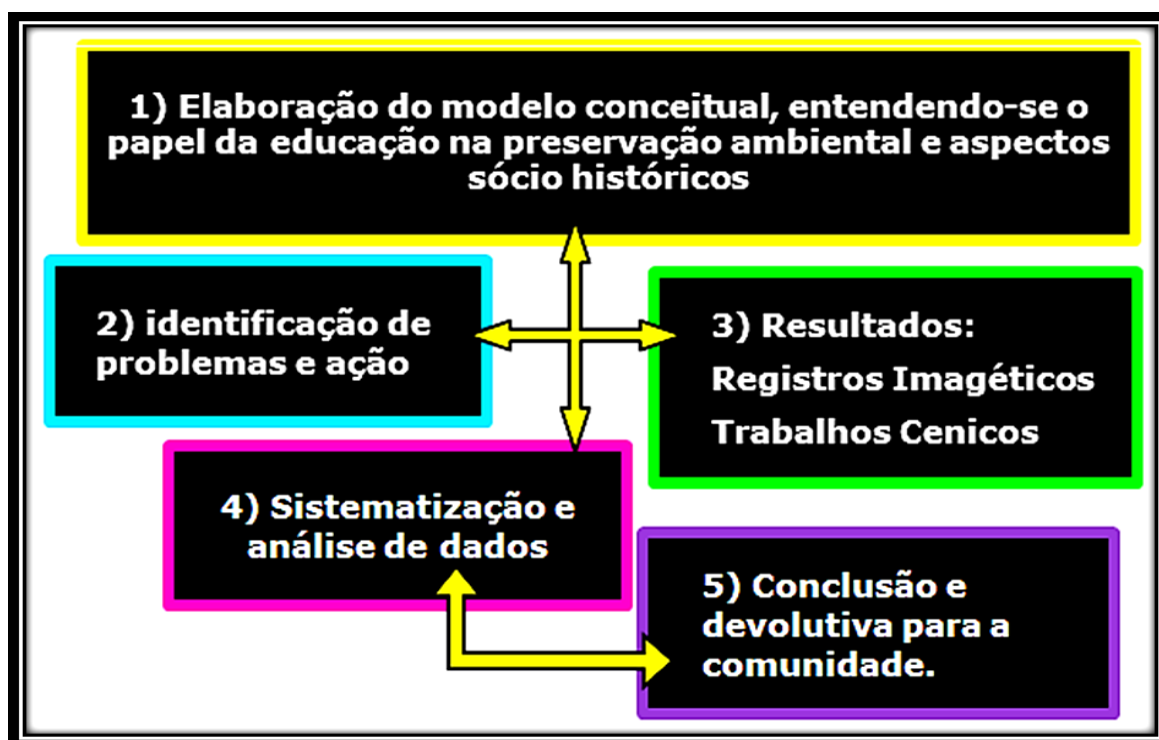
Para THIOLLENT (2005), a pesquisa-ação, além da participação, presume um método de ação organizada de cunho social, educacional ou técnico e antecede a uma busca de alternativas ao padrão de pesquisa convencional (critérios lógico-formais e estatísticos).

“A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da

situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo”. (THIOLLENT, 2005 p.1)

Trata-se de um processo intencional e contínuo, em que se aprende pela participação e pela experiência. Portanto, a escolha desta metodologia se justifica por ser a que permite simultaneamente o “conhecimento” e a “ação”, sobre a realidade social investigada, além de ser a que melhor responde aos questionamentos propostos. A figura 01, fornece uma idéia da natureza das etapas, da sua ordem de execução e dos relacionamentos destes passos. Como indicado, a metodologia contempla cinco fases: 1 - Elaboração do modelo conceitual; 2 – Identificação de problemas e ação; 3 – Resultados através de registros imagéticos e trabalhos cenicis; 4 – sistematização e análise dos dados; 5 – Conclusão e devolutiva para a comunidade.

**Figura 1– Sistemática Metodológica da Pesquisa.**



Elaboração da autora - Salvador. Bahia - Ano 2013

## 4 CASE: “A PAREDE MÁGICA”

O ensino tem papel fundamental, sobretudo, como importante instrumento de inclusão social e cidadania. Não se pretende com este trabalho esgotar todas as possibilidades nem dirimir todas as questões relacionadas ao modo como a educação ambiental pode auxiliar no enfrentamento da problemática socioambiental, uma vez que não se confia em respostas prontas, únicas e formatadas. O valor desse processo está na criação participativa de soluções e estratégias baseada em princípios sólidos, democráticos e contextualizada às realidades locais. (CARVALHO, 2001) destacou aos educadores ambientais a compreensão de que:

Não existem fórmulas prontas e mágicas para o desenvolvimento de práticas educativas relacionadas à temática ambiental. Será a partir de reflexões cuidadosas e escolhas conscientes, dentre diferentes possibilidades de avaliações sistemáticas e inovações criativas, que novas perspectivas poderão ser traçadas. (CARVALHO, 2001, p. 58)

### Pirajá: ente histórico e geográfico no contexto da cidade do Salvador

Pirajá, um dos bairros mais antigos da capital baiana, está posicionado no subúrbio de Salvador. Terra antigamente habitada pelos índios tupinambás, o distrito tem importância relevante na história da brasileira. Existem dois significados históricos para o nome Pirajá: No Nordeste, “pára+já” significa aguaceiro repentino e curto, acompanhado de ventania. - fenômeno natural, frequente na costa da Bahia e nos outros estados próximos -. Na língua Tupi “pira-ya” ou viveiros de peixes, e significa também, braço do rio ou mar estreito que adentra a terra.

Durante o período escravocrata, foi utilizado como local de refúgios dos escravos fugitivos, abrigando diversos quilombos que eram perseguidos e destruídos pelos portugueses. Local onde a memória desses espaços é uma forma de enraizamento histórico cultural, uma ação no sentido de esforço da cultura popular frente à cultura hegemônica, por ser um lugar monumento da memória negro-indígena e ao mesmo tempo cívica popular na luta pela independência da cultura homogênea (ESPINHEIRA, 1998).

Conhecido também como o bairro em que foi travada a famosa “BATALHA DE PIRAJÁ”, principal combate pela independência em que os baianos liderados pelo general Pedro Labatut, venceram as forças do colonialismo português, em 1823 (ANGELIM, 1999, p. 6). A imprensa destacava o bairro por sua localização privilegiada: acesso ao centro da cidade em 20 minutos e à proximidade com a Baía de Todos os Santos, não muito distante da orla marítima, e, pelo seu importante acervo histórico: a igrejinha construída em 17 de abril de 1638, de estilo jesuítico, com uma torre e sino único; as duas imagens que compunham o altar: Senhor Morto e da Nossa Senhora da Piedade de Pirajá ambas do século XVIII; o Pantheon, monumento erigido em homenagem aos bravos de Pirajá, na Batalha de 8 de novembro de 1823; o túmulo em pedra de mármore com os restos mortais do general Pedro Labatut; e, mais, o busto deste herói, confeccionado em bronze (BRITO, 1972, p. 10).

**Figura 2 - Bairro de Pirajá.**



Fonte: Google Maps – Ano 2012

Inicialmente Pirajá foi ocupado em duas elevações denominadas de Pirajá Velha e Pirajá Nova, prolongando-se até as fronteiras do rio Cobre e de sua represa, seguidos depois pelas encostas em direção aos vales. Limitado ao norte, pela represa do cobre, ao sul pelo riacho Menino de Deus, em seu lado esquerdo observa-se a baía de todos os santos, ao fundo pelo bairro do Lobato e do lado direito encontra-se a BR-324, rodovia Feira de Santana (PMS, 1979, p. 22).

Quando comemorava 150 anos da Independência foi criado o projeto conhecido como Plano Pirajá, que objetivava construir um quadro de validação histórico, político, e social em torno da Batalha de Pirajá, bem como apontar caminhos para transformar o local em Parque Nacional. Foi iniciado em paralelo, o Projeto Rondon em parceria com a Universidade Federal da Bahia, para investigar os fatos históricos desenvolvidos no local, através de documentos e estudos arqueológicos. O objetivo era levantar as verdadeiras condições Pirajá (CHILE, 1972, p. 8). Neste mesmo ano 1972, passou a Parque Histórico por decreto municipal nº4.355, de 8 de novembro, garantindo a preservação do Patrimônio Histórico ligado à guerra da Independência. O Parque Histórico envolveria a zona de proteção florestal, a preservação de áreas verdes e o do lago, criado com a barragem do cobre. Através deste decreto toda área onde se efetivou a Batalha de Pirajá ficou sob proteção do poder público (SILVA, 1975, p. 5).

Através do decreto 5.363 da prefeitura municipal de Salvador, em 28 de abril de 1978 foi criado o Parque Metropolitano de Pirajá, fundamentado na Constituição Federal art.180, que coloca sob a proteção do poder público os bens de valor históricos e as paisagens naturais do país.

A criação do Parque de Pirajá incluía o Parque São Bartolomeu remanescente de uma floresta tropical anteriormente denominado como floresta do urubu. Como o bairro de Pirajá o Parque São Bartolomeu tem sua história vinculada com a história da Bahia. Localizado em ambiente banhado por águas doces e salgadas, que engloba mananciais, rios e cachoeira, manguezais arbustivos e diversidade de fauna e flora, o Parque São Bartolomeu é considerado um espaço sagrado, pelas práticas das religiões de matriz africanas possuindo um significado que não é o mesmo dos outros parques que a cidade dispõe, como o do Abaeté e o Pituaçu (SERPA, 1998, p. 68)



**Figura 3 - Mapa – Parque São Bartolomeu**



Fonte: Google Maps. Ano 2013

Eis que, 209 anos depois da peleja sangrenta, os moradores atuais, costumam repetir que “A Batalha de Pirajá nunca acabou. Ao longo dos anos, repetidamente, o bairro patrimônio – histórico e cultural - do país, foi lembrado e esquecido pelas autoridades políticas, teve suas esperanças estimuladas e reprimidas. Apesar do impactante patrimônio histórico, este fato não melhorou as condições do bairro, porque durante o ano, apenas alguns dias antes dos festejos do dois de julho, eram tomadas algumas providências para a comemoração do evento (ANGELIN, 1999, p. 6).

Hoje, o distrito traduz a ideia clássica de periferia e, é perceptível a engrenagem de segregação e exclusão, que revelam em: moradias insuficientes e de má qualidade, ausência de infraestrutura básica e transporte coletivo deficiente. É um bairro com características residenciais, dispondo de comércio e pequenos serviços que supre à demanda local. É marcante a concentração de indústrias, galpões e empresas nas proximidades da BR 324 (ANGEOLETTO, 2000).

Rebouças (2008) assim define o perfil das ocupações residenciais de Pirajá:

As formas de ocupações existentes na localidade de Pirajá são de tipos variados, têm-se os loteamentos e parcelamentos de lotes ilegais, as

invasões (...), além dos conjuntos habitacionais. (...) Os grupos sociais excluídos modelam Pirajá através da espacialização da auto segregação induzida pela ausência de possibilidades de pagar por uma habitação em melhores condições e da necessidade de sobrevivência diante das regras ditadas pelo capital (...). O resultado é uma grande parcela da população insatisfeita com as condições de habitabilidade oferecidas pelo espaço do entorno e com a moradia em si. (REBOUÇAS, 2008, p. 1-15)

Pirajá sofre também com os elevados índices de criminalidade, sendo considerado um dos bairros mais violentos do subúrbio. A comunidade onde está instalada a escola retratada neste estudo, conhecida como Pirajá Nova, enfrenta sérios problemas socioambientais, que vão de renda insuficiente, mortes violentas, abusos sexuais, ausência de democratização no saneamento básico, carências de áreas de lazer e prática de esportes, desemprego, fome, drogas, grande incidência de gravidez entre adolescentes, baixa escolaridade, dentre outros.

Patrimônio comunitário: Escola Municipal Prof.<sup>a</sup> Alexandrina dos Santos Pita

Escola Municipal Professora Alexandrina dos Santos Pita. Situa-se a Rua Elísio Mesquita Nº 643, no bairro de Pirajá. Atende aproximadamente 982 alunos distribuídos em 13 salas que funcionam nos três turnos. Atualmente o ensino é organizado em 10 séries – do ensino fundamental ao 9ª ano -. A faixa etária dos alunos vai dos 5 aos 64 anos.

**Figura 4 - Rua onde esta situada a escola pesquisada**



Fonte: Google Maps

Oriundos de famílias de classe de renda econômica baixa, moradores de casas em permanente estado de “construção”, a maioria não dispõe do material escolar mínimo necessário às aulas e um dado agravante é que vários estudantes frequentam a unidade de ensino apenas por conta da merenda escolar. Os professores relatam várias ocorrências de desmaios de estudantes por falta de alimentação, porque para uma parcela significativa deles, esta é a única refeição do dia.

Esta população chega à escola com carências não só materiais, mas também nutritivas e culturais. Faltam-lhes muitas vezes, habilidades indispensáveis para aquisição do conhecimento cientificamente elaborado, desenvolvimento psicomotor e sócio afetivo. Um dos caminhos que facilitam as ações educativas é a arte – aqui sobressai o teatro – que representam novas possibilidades pedagógicas, podendo envolver dimensões sentimentais, de conhecimentos, de valores, de participação política, entre outros.

**Figura 5 - Áreas do entorno da escola.**



#### 4.1 - TEATRANDO E METAMORFOSEANDO-SE NO AMBIENTE

##### Cenário inicial

Em uma manhã do ano de 2006, a recém-concursada professora de teatro Isabel Marinho, candidata a mestre com este trabalho, chega à escola Alexandrina. Sua primeira impressão não é das melhores. Encontra um ambiente depredado, corredores formados por paredes sujas, riscadas, com marcas de pés e textos obscenos. O cheiro forte de urina que sai dos banheiros, invade suas narinas, e se espalha pelo espaço utilizado como refeitório, local onde ela aguarda a diretora da unidade escolar, para se apresentar ao trabalho. Daquele lugar, observa as crianças durante o recreio, em meio a uma gritaria ensurdecedora. As brincadeiras mais frequentes entre as crianças era correr, gritar, bater umas nas outras e soltar palavrões aos berros. A prática do “bullying” também foi percebida com uma aluna acima do peso e um garoto de comportamento mais delicado, ambos responderam às “piadinhas maldosas” com palavras de baixo calão. As pessoas adultas que passavam não mostravam nenhum estranhamento àquela situação caótica. Não se envolviam: uma delas passou em direção à cozinha e voltou com um copo de café - que inicialmente tinha sido embalagem para extrato de tomates - e se foi, sem sequer lançar um olhar para os pequenos. Duas outras estavam sentadas na mesa ao lado, entretidas numa conversa tão animada que não se deixavam abalar pela bagunça sonora instalada no entorno.

A professora de teatro estranhava aquele ambiente desconhecido, (que lhe parecia) inamistoso, e pouco atraente. Enquanto lançava em volta olhares disfarçadamente críticos, mentalmente já começava a pensar na possibilidade de solicitar junto à Secretaria de Educação, remoção para outra unidade escolar. O seu olhar era o de visitante, que TUAN (1980), assim define com propriedade:

A avaliação do meio ambiente pelo visitante é essencialmente estética. É a visão de um estranho. O estranho julga pela aparência, por algum critério formal de beleza. É preciso um esforço especial para provocar empatia em relação às vidas e valores dos habitantes (TUAN, 1980, p. 72- 74).

Preparava-se para ir embora, quando foi avisada que a diretora da escola havia chegado, e a aguardava, em sua sala. A recepção da gestora e da vice-diretora do turno matutino para com a educadora novata foi muito calorosa. Deram-lhe boas-vindas e enfatizaram a importância do teatro em uma comunidade desprovida de lazer e arte. Neste primeiro diálogo, foram formuladas as perguntas básicas, e as respostas aos questionamentos, não foram nada satisfatórias: Onde ficava a sala de teatro? Não existe! Quais os materiais disponíveis para as atividades? Não existe. Em que local acontecerão as apresentações? Não existe. Existe aparelho de som portátil para utilização nas aulas? Sim, mas está quebrado!

A vice-diretora sugere por fim, que o espaço utilizado para recreação, passe a ser também, “sala de artes”.

Para maior compreensão dos espaços, será apresentada uma descrição detalhada (ver figura 06): A área externa “2” delimitada na cor verde, é considerada “segura” por toda a comunidade escolar. Abarca a porta de entrada e a frente da escola, - é neste espaço que fica o único segurança – passa pelo estacionamento, e se estende até a sala de artes. A faixa na cor amarela marca a passagem para a área externa “1”, situada na parte detrás da escola. Segundo professores, alunos e funcionários é a área considerada “perigosa” – delineada na cor vermelha – porque alguns jovens e adultos não alunos pulam, ou fazem buracos no muro e entram para usar drogas ilícitas e praticar sexo. Deste pátio fazem parte uma quadra de esportes, que é usada pelo professor de educação física no turno matutino e uma área de matagal, que inibe a aproximação de todos. Interessante ressaltar que na medida em que a noite se aproxima este espaço já restrito, vai ficando cada vez mais desaconselhável aos alunos da escola. Neste período nem mesmo os professores de educação física se aventam a frequentar a área. Por outro lado, é justamente quando a tarde cai que aumenta a o fluxo de jovens e adultos não alunos. Chegam com bebidas, aparelho de som, bolas e times inteiros para “curtir todas” e “bater o baba”. A linha branca delimita o espaço edificado. São três blocos distribuídos da seguinte forma: Um deles abriga cozinha refeitório e toaletes masculinos e femininos, o bloco seguinte, tem dois pisos e ampara as salas de aulas, sala dos professores, diretoria e coordenação. Eles se conectam através de espaços de circulação e corredores. E, finalmente o terceiro bloco isolado, é a sala de artes.

O cômodo afastado da edificação principal é um local inóspito, que mais se assemelha a uma caixa de tijolos com cobogós de cimento e coberta por telhas cerâmicas. Sem ventilação adequada é depósito de muita fuligem lançadas pelos ônibus e caminhões que transitam ao lado, com uma única porta de acesso, era uma sala muito engraçada não tinha janelas, não tinha nada, ninguém podia fazer xixi, porque toailete não tinha ali, ninguém podia tomar água não, por que não tinha sequer um bebedouro naquele galpão.

Vale salientar que para acessar esta sala -por se localizar separada do prédio principal, - os frequentadores precisam enfrentar as intempéries da natureza.

**Figura 6 - Vista aérea da escola.**



Fonte: Google Maps - Marcação da autora – Ano 2013

## 4.2 IDEALIZANDO, REALIZANDO E TRANSFORMANDO-SE SOCIALMENTE

A escola promotora de educação cidadã é aquela que se reconhece, exercita e desenvolve, além de suas funções tradicionais, a responsabilidade de formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus atores. Começando pelas crianças e pelos jovens que utilizam diariamente suas instalações, e estendendo-se aos demais habitantes da comunidade em que está inserida.

Chama-se socialização o processo pelo qual o indivíduo adquire os padrões de comportamento que são habituais e aceitáveis nos seus grupos sociais. Este processo de aprender a ser membro de uma família, de uma comunidade, de um grupo maior, começa na infância e perdura por toda a vida, fazendo com que as pessoas atuem, sintam e pensem de forma semelhante aos demais com quem convivem. (BRAGHIROLI, 2002, p.61)

A Educação Ambiental que objetiva a conscientização não pode se restringir apenas em despertar o senso de consciência, não pode excluir o homem do meio natural e sim reinseri-lo neste contexto que se fundamenta na postura ética e cidadã. Jacobi (2003) e Reigota (2006) falam que o exercício da cidadania motivado pelas questões ambientais é uma forma de construir uma consciência no cidadão, sobre a importância e relevância dos seus direitos e responsabilidades com o meio em que vive.

Ganha força, hoje em dia, o pressuposto de que a educação deve ultrapassar os muros escolares, se estender ao bairro e à comunidade aos quais atende, incluindo as relações com as famílias dos estudantes e as demais pessoas que convivem no entorno.

A Educação Ambiental aplicada dentro da escola deve despertar o educando para o encontro dos valores éticos que conduzam a uma relação harmoniosa com o ambiente e a todas as outras espécies que vivem no planeta, incentivando-o a pensar criticamente os problemas que têm provocado a destruição crescente dos recursos naturais. A Educação Ambiental, portanto, tem a tarefa de proporcionar ao público em geral, (comunidade escolar e regiões circunvizinhas) conhecimentos e condições de exercitar uma cidadania pró-ambiente, que implica em direitos e responsabilidades. Segundo Dalmo Dallari:

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social. (DALLARI, 1998, p.14)

A assimilação desta nova atitude proporciona um novo olhar ético para com a humanidade, e as mudanças nos atuais valores sociais são profundas e impactantes. Este novo olhar é formado entre outros aspectos, pela prospecção de uma sociedade mais equilibrada, e socialmente justa.

Com a aniquilação das diferenças abissais, que estabelecem a riqueza consumista, em um lado, e a miséria extrema de outro, é essencial à manutenção da vida, leia-se ao desenvolvimento sustentável, tanto ao nível regional, quanto em nível planetário, que o homem se perceba não como uma parte dissociada da natureza, mas como parte dela, visto que ele é uma parte do todo. Como uma pedra jogada num lago tranquilo, o que ele fizer para o ambiente que o circunda, refletirá de volta e, em forma de encadeamento para todos habitantes, nesta e nas futuras gerações. BOFF (2001) resume o raciocínio evidenciando a importância do sentimento de auto responsabilização e cuidado:

“Tudo começa com o sentimento. É o sentimento que nos faz sensíveis ao que está à nossa volta, que os faz gostar ou desgostar. É o sentimento que nos une às coisas e nos envolve com as pessoas (...) É o sentimento que torna as pessoas, coisas e situações importantes para nós. Este sentimento profundo, repetimos chama-se cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indelévels e definitivamente”. (BOFF, 2001, p 38.)

O exercício educativo-ambiental para se tornar eficiente necessita absorver as experiências sociais, assimilando o espaço em todos os seus aspectos geográficos e biológicos sempre aproveitando os saberes locais (SATO, 2005). A Escola pública passa a ser vista como espaços de aprendizagem e de promoção da cidadania. Esta é a forma que se dá a construção das práxis educativas que visam à autonomia crítica do cidadão. O emprego de tais instrumentos é demonstrado, por Freire (1996).

A Educação ambiental, em um contexto mais amplo, está infiltrada na educação para a cidadania, caracterizando-a como eixo decisivo para a fusão de sujeitos cidadãos. A meta é estimular o fortalecimento da cidadania para o máximo de pessoas. Cada indivíduo da comunidade escolar e entorno (alunos, pais,



professores, amigos e parentes) deve saber-se e sentir-se titular de direitos e deveres, e transformar-se, conseqüentemente, em corresponsável no cuidado e manutenção e defesa da qualidade de vida.

### Educando criativamente na divergência – Teatro em escola pública

A insuficiência de recursos materiais é um problema recorrente na rede pública de ensino. Quando se pensa em aulas de teatro então, este inconveniente é agravado ao ponto de total carencia. Para lidar com estas dificuldades a arte educadora busca alternativas criativas.

A criatividade pode ser desenvolvida por meio do processo educativo oportunizando a ampliação do uso de competências individuais e grupais. Uma educação criativa prepara indivíduos ricos em originalidade, flexibilidade, iniciativa e confiança, habilitando-os para mudanças. O teatro é uma linguagem que gera uma importante atmosfera criativa, que propicia o pensar reflexivo. A compreensão de educação alicerçada nesta característica parte da suposição de que a mesma está presente em toda a esfera da atividade humana. Ao descrever criatividade, TORRANCE, (1989), apresenta a seguinte definição:

Criatividade é o processo de tornar-se sensível a problemas, deficiências, lacunas no conhecimento; identificar a dificuldade; buscar soluções. Formulando hipóteses a respeito das deficiências, testar e retestar estas hipóteses, e, finalmente, comunicar os resultados. (TORRANCE, 1989, p.73)

A sala de artes designada para as aulas de teatro, há muito tempo não era utilizada, e tinha se tornado um depósito de coisas velhas, quebradas e enferrujadas. Tinha um pouco de tudo: desde rolos gigantes formados por telas que tinham se desprendido da quadra de esportes, a esqueletos de cadeiras, gradis amassados, armários e carteiras escolares danificadas, ventiladores quebrados, enfim, todo tipo de sucata.

A educadora deparou-se com uma realidade inimaginada, que se tornou um desafio teórico e prático. A questão era: como implementar uma proposta de arte-educação num contexto de dificuldades, como era o caso desta escola pública? Como transcender as dificuldades materiais? É sobre o contexto em que se

desenvolveu este trabalho, seus desafios e impactos no meio ambiente que se relata a partir deste momento.

**Figura 7 - Sala de Artes e de sucata.**



Fonte: Acervo da pesquisadora. Ano: 2006

E os trabalhos pesados começaram. Quando se diz “trabalho pesado”, não é só força de expressão, a arte-educadora arregaçou as mangas, e, juntamente com os alunos, abriram um vão no meio do lixo. As aulas foram ministradas nesta clareira.

Já nos primeiros contatos com o fazer artístico teatral e em especial no processo de improvisação, foram constatando que aqueles materiais eram recursos extraordinários para suas necessidades, e uma fonte inesgotável de ideias e criação. Para utilizar os materiais recicláveis, foi aplicada uma série de exercícios teatrais objetivando num primeiro passo, compartilhar com os alunos a percepção de que estes materiais não eram lixo. E em seguida, buscar despertar um olhar diferenciado, curioso, atento e sério para estes recursos. Utilizaram a reciclagem em todas as etapas da construção: inicialmente, como material de apoio, mais adiante na confecção de cenários, de figurinos e na maioria dos adereços. A dramaturgia proposta, parte do exercício aberto do fazer em cena, uma dinâmica do trabalho criativo que vai sendo elaborado e investigado a partir dos jogos cênicos de improvisação.

Segundo Craft,

É a criatividade que capacita uma pessoa a identificar o problema de forma apropriada e a solucioná-lo. É a criatividade que identifica possibilidades e oportunidades que não foram percebidas por outros. (CRAFT 2006, p.20)

Parte do entulho que estava na sala foi transformado em cenário. Coberto com tecidos azuis forneceu volume e profundidade, para representar as “ondas do mar”, outra parte foi aproveitada para fazer um camarim improvisado. Como solução e orientação cênica, alguns atores se mantiveram escondidos entre a sucata e os tecidos, muito antes de a plateia entrar. Desta forma, no meio do espetáculo, quando menos se esperava, surgiam por entre os volumes, personagens marinhos e criaturas do folclore brasileiro. Foram integrados: produção, apreciação e reflexão nos exercícios e jogos teatrais. E ainda deu uma utilidade para o lixo.

E assim, em agosto de 2006 aconteceu a estreia do primeiro espetáculo teatral na escola Alexandrina dos Santos Pita. O trabalho fruto de criação coletiva, com trilha sonora e coreografia montadas pelos adolescentes, resultou num produto incrível. As apresentações, sempre lotadas, aconteceram nos três turnos e em curta temporada. Apesar de ser um trabalho inaugural, ficou comprovada a capacidade do teatro como difusor de conhecimento.

O teatro provoca fascínio porque celebra o encontro possível entre ator, diretor e plateia, todos vivenciando um universo social e subjetivo semelhante, ferramenta impactante de educação não formal, pela contribuição para a convivência entre as pessoas, por facilitar a aceitação e o respeito às diferenças.

É uma das atividades artísticas mais envolventes na construção e distribuição de saberes, tanto para quem atua quanto para assiste, estimulando de forma lúdica a coletividade a vivenciar o trabalho de equipe e lançar um novo olhar para o ambiente que o rodeia, resgatando o papel individual protagonista, atendendo ao exercício do pensar criativo.

A criatividade poderia ser caracterizada como um potencial de sensibilidade. É um potencial que aprofunda nosso raciocínio consciente ligando-o ao intuitivo e que permite vivenciarmos nosso ser e agirmos criativamente (OSTROWER, 1999, p.218).

Brecht tentou, através das práticas teatrais desenvolvidas em sua vida, salientar a perspectiva de educar através do teatro lúdico, intencionando o estabelecimento de laços salutarres entre o ator, a plateia, o mundo e as tão almeçadas mudanças:

Tudo isto vem facilitar ao teatro uma aproximação, tanto quanto possível estreita, com os estabelecimentos de ensino e de difusão. Pois, embora o

teatro não deva ser importunado com toda a sorte de temas de ordem cultural que não lhe confirmam um caráter recreativo, tem plena liberdade de se recrear com o ensino ou com a investigação. Faz com que as reproduções da sociedade sejam válidas e capazes de a influenciar, como autêntica diversão (BRECHT, 2005, p.136-137).

O sucesso da primeira obra fortaleceu a turma e atraiu novos participantes. Infelizmente não existem fotos deste espetáculo. Os registros imagéticos só passaram a acontecer há partir de 2007 com a apresentação da peça infantil “Trupimenta”.

**Figura 8 – Espetáculo teatral: “Trupimenta” - Ano 2007.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

### Figurinos:

Importante abrir um parêntese para falar sobre os figurinos. A educadora montou uma espécie de “mala de mascate” onde se encontra um pouco de tudo: guarda roupa com peças básicas que são adaptadas a cada montagem; maquiagens; acessórios variados, tais como: perucas, narizes de palhaço, brincos,

lenços, chapéus, meias coloridas e etc. O acervo, ao longo dos anos foi enriquecido com doações de amigos e parentes.

A arte tem qualidade libertadora, de aquisição de conhecimento e tomada de consciência, ela possibilita mudanças para melhor sem perder de vista suas características fundamentais de entreter e divertir. O teatro empenhado em alicerçar conceitos e valores da Educação Ambiental, representa a união do papel estimulante das inúmeras experiências sensoriais criativas e criadoras com o aperfeiçoamento da ligação essencial entre o sujeito o planeta.

Quando os estudantes se preparavam para o segundo espetáculo, comunicaram a necessidade de um nome para a turma. Após eleição, a sugestão dada por Amaro (aluno de 16 anos) vence. A partir daquele dia a “turma” passava a ter identidade e pertinência se autodenominando “Grupo de Teatro Metamorfose”.

A plateia, formada pelos moradores do bairro, e comunidade escolar, é constituída em sua maioria por negros e pardos, que através das artes cênicas podem perceber a si mesmos em inúmeros personagens e situações representadas.

Ao se sentirem retratados, aumentam a autoestima e os limites de aceitação de si e do outro, e esta predisposição favorece a elevação da capacidade de atuar em grupo para operacionalizar mudanças.

**Figura 9 - Pais, amigos e parentes assistindo ao espetáculo teatral.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

A foto a seguir, retrata um auto de natal encenado em 2008 pelo grupo de teatro da escola, explicita e valida mais uma série de aspectos relevantes para que as mudanças sócio ambientais se manifestem: confirma a importância do trabalho em equipe; demonstra a capacidade de criação artística que cada um e todos possuem; e reafirma a força e a beleza da raça negra. Os personagens representados por atores negros e o menino Jesus, retratado por um boneco de cor escura foi muito bem recebido, alvo de comentários positivos e carinhosos.

**Figura 10 – Espetáculo Auto de Natal - Ano 2008.**



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Como foi dito, as atividades desenvolvidas nas oficinas de teatro contribuem para subsidiar um olhar sobre as relações étnico-raciais de forma positiva. Durante as aulas a educadora está sempre atenta à necessidade de valorização da história, da cultura e identidade da população afrodescendente. Quase 100% do grupo de alunos-atores e dos espectadores desta unidade escolar são negros, e as

montagens são convites explícitos para que todos os envolvidos – quem vê e quem faz - se posicione de forma reflexiva e crítica, partindo do conhecimento e da contextualização de situações variadas.

Ao desempenhar papéis socialmente reconhecidos como “mocinhos” ou “do bem” – Heróis, anjos, fadas, príncipes – público e atores se veem, se reconhecem de forma otimista e são validados. Neste aspecto as artes cênicas atuam de forma determinante na superação do preconceito na escola e conseqüentemente na sociedade. A questão do respeito a individualidade e aceitação das diferenças, é tema central no espetáculo “Pinheirinho de Natal” Trata-se de um pinheiro que vivia entre árvores frutíferas e frondosas. Ele foi alvo de bullying durante anos, por ser a única árvore cheia de pontas e que não fornecia frutos comestíveis. Até o dia em que um de seus talentos encanta todo o bosque. O pinheirinho passa a ser reconhecido e aceito mantendo suas diferenças.

**Figura 11 - Peça teatral “Pinheirinho de Natal” – Ano 2008.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

O teatro é democrático, e permite acesso ilimitado, independente de idade, características corporais, preferências sexuais, ou se portadores de

necessidades especiais. Enfim, **todo mundo pode fazer teatro**, e **todo mundo deve assistir teatro**, porque ele fortalece relações humanas mais harmoniosas, promovendo a colaboração, solidariedade e construção da dignidade pessoal.

O Casamento de João Florípedes foi uma das peças de teatro mais apresentadas na escola e fora dela. Uma comédia com muitos personagens pesquisados nas obras de Jorge Amado, que expõe questões sociais presenciadas no dia a dia do bairro: pobreza, álcool em excesso, exploração sexual, promiscuidade, exploração do trabalho infantil, politicagens, jogos de interesses, entre outros.

**Figura 12 – “O Casamento de João Florípedes” - Ano 2009.**



Fonte: Acervo pesquisadora

Em Pirajá a concepção dos espetáculos parte de jogos e experimentações que resultam em criação coletiva, os temas abordados são elencados pelo grupo. E, mesmo quando segue algum texto dramático preestabelecido, ele é totalmente



reorganizado atendendo às demandas, necessidades e limitações do grupo, de forma tal que muitas vezes a obra inicial fica quase irreconhecível.

O Grupo de Teatro Metamorfose vai completar oito anos da sua fundação no ano de 2014 e contabilizamem seu portfólio 17 espetáculos. Elencadas abaixo as principais encenações com temática socioambiental.

**Figura 13 – Relação de espetáculos com temática sócio ambiental.**

<b>REPERTÓRIO - TÍTULOS</b>	<b>TEMA ABORDADO</b>	<b>ANO</b>
<b>Aventuras do Preto Velho</b> Folclore Brasileiro	<b>Preconceito Racial</b>	<b>2006</b>
<b>Programa da Cocó</b> Rádio Teatro	<b>Violência doméstica</b>	<b>2007</b>
<b>Pinheirinho de Natal</b>	<b>Respeito às diferenças</b>	<b>2008</b>
<b>Caminho de Belém</b> Auto de natal	<b>Consumo e Afeto</b>	<b>2008</b>
<b>O Casamento de João Florípedes</b>	<b>Alcoolismo, gravidez na adolescência e outros</b>	<b>2009</b>
<b>Serenata a um Palhaço que Amava</b>	<b>Relação homo afetiva e adoção</b>	<b>2010</b>
<b>O Aniversário de Alice</b>	<b>Solidariedade e trabalho em grupo</b>	<b>2011</b>
<b>TôFacinho e Protegido</b>	<b>DST/ AIDS</b>	<b>2012</b>
 <b>Festival do Minuto de Celular</b> Concurso - Criação livre	<b>Meio Ambiente</b> Percepção Ambiental	<b>2013</b>

O Festival do Minuto trata-se de um concurso de produção de vídeos com duração de um minuto, feitos com celular. Tema: Meio ambiente local. Realizado em agosto de 2013.

*Modus Operandi* – Passo 01 Apresentação do Festival e exibição de filmes - A pesquisadora, com anuência e participação dos gestores e professores, promoveu

três sessões de vídeos com extensão máxima de 60 segundos para que os alunos conhecessem a linguagem solicitada no festival. Após as exposições, foram apresentadas as regras para a participação no concurso:

- I) Numero de participantes: mínimo de duas e máximo de seis pessoas por equipe;
- II) Os vídeos deveriam ser produzidos exclusivamente com celulares, independente de qualidade, marca e modelo do aparelho;
- III) Atendimento rigoroso à data limite estabelecida para inscrição das obras
- IV) Obrigatoriedade do abordar o tema meio ambiente e de ter o bairro de Pirajá como cenário.

Ainda neste momento, foi informado sobre a premiação:

Primeiro lugar: Mini MP3 e medalhas de ouro; Segundo lugar: Medalhas de prata; Terceiro lugar: Medalhas de bronze; Oito melhores equipes: camisetas do SISAP

Passo 02 – Oficina de vídeo e roteiro

**Figura 14 – Oficina de vídeo e roteiro para o Festival do Minuto.**



Fonte: Acervo da Pesquisadora - Ano 2012

Passo 03 – Seleção dos melhores trabalhos e encaminhamento para a comissão julgadora (Diretora, vices diretoras dos turnos matutino, vespertino e noturno e mais três professores)

Passo 04 – Evento para apresentação dos oito melhores resultados e premiação dos três primeiros lugares.

#### 4.3 - RE-CONSTRUÇÃO SOCIAL DA PAISAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

O período chuvoso e a sala cheia de goteiras deixou o grupo de teatro sem espaço para as aulas. Por conta deste fato, foi iniciado um passeio peripatético. Os ensaios aconteciam em qualquer lugar onde fosse encontrada alguma brecha: Se um educador faltava “invadiam” a sala, afastavam-se as cadeiras e davam mais um passo em direção á mostra artística; se a chuva passava um pouquinho, iam para o pátio externo e outro passo era dado; antes do recreio tomavam o refeitório “de assalto” e assim, andando de um lado para o outro, a caminhada não o parava. As chuvas constantes exigiram um novo espaço também para a apresentação. Sem outra alternativa, o grupo monta o cenário na parede da entrada principal da escola. As apresentações aconteceram nos três turnos, para acompanhar as exibições, a arte educadora precisou permanecer na escola mais de 12 horas.

Fazia parte da instalação: brinquedos, flores e bichinhos de pelúcia. A diretora da escola aconselha a retirada dos objetos decorativos imediatamente após a ultima apresentação da noite, para que o material não fosse vandalizado ou roubado. Afinal esta era uma área aberta ao grande fluxo de pessoas funcionando em três turnos. Tudo podia acontecer!

Porém, a professora resolve arriscar e mantém todos os itens no lugar – não por altruísmo, verdade seja dita, mas por cansaço e preguiça - . Para surpresa geral, os alunos deram uma resposta totalmente inesperada: O trabalho ficou intacto durante todo o período em que ficou exposto. Os estudantes paravam em grupos, admiravam, tocavam os objetos, comentavam, tiravam fotos com os celulares, elogiavam. A arte educadora ficou encantada com o fenômeno e estimulada a fazer novos painéis. O mais curioso foi detectar que as áreas laterais continuaram sendo riscadas, as colunas de concreto tiveram suas quinas quebradas, o chão continuava recebendo lixo na hora do recreio. Mas inexplicavelmente, a parede decorada com tecidos e papéis continuava inviolada. Os objetos decorativos permaneceram no local por duas semanas (com exceção de dois coelhinhos de pelúcia, que foram

furtados). Joseline, aluna de sete anos, disse que era uma “Parede Mágica”. Conclui-se ser um nome bastante apropriado, porque a parede tinha a capacidade mágica de repelir o lixo, a violência, o dano. Percebe-se que ações positivas, resultam em atitudes positivas e respostas afetivas. Os alunos dos três turnos deram um show de valorização, cuidado e reconhecimento.

**Figura 15 – Parede Mágica Primavera Reciclada – Ano 2008.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

#### Despertar da autoconsciência e do olhar investigativo:

O comportamento diferenciado, para com esta única parede, foi confirmado, quando a arte-educadora, renovou as mostras expositivas, utilizando novos temas. O fenômeno provocou admiração entre os outros professores e funcionários, já habituados ao cenário de caos: misto de sujeira e depredação, e despertou na arte-educadora o olhar investigativo.

As “Paredes Mágicas” foram sucedendo-se ininterruptamente até os dias atuais. Grande parte das instalações foi cuidadosamente registrada em fotos. O espaço tornou-se “oficialmente” lugar para exposição de cenários temáticos

A confecção da Parede Mágica é quase que totalmente, elaborada com material reciclado, alguns itens são doados para o grupo de teatro, ou apanhados no lixo. A instalação do natal de 2009, tem em sua composição balaios de fibra natural virados de cabeça para baixo, mandalas de cipó de maracujá, juta natural, adereços natalinos,- descartados no lixo do condomínio onde mora a educadora -, e papel Craft, disponibilizado pela escola. Este trabalho ficou em exposição por 44 dias sem sofrer nenhuma espécie de dano.

**Figura 16 – Parede Mágica: Instalação Natal – Ano 2009.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

Já a figura abaixo, Parede Mágica Consciência Negra - traz em sua base (forração) papel Craft cedido pela escola, cortinas e capas de almofadas doadas, pedaços de tecidos de figurino de bloco afro carnavalesco, retalhos de esteiras de taboa usados em eventos juninos e esculturas de madeira emprestadas pela professora. Do lixo vieram: moldura de quadro, círculo de madeira, tampa de caixa de papelão.

**Figura 17 - Parede Mágica: Consciência Negra – Ano 2010.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

Material proveniente do lixo gerado em eventos sociais é empregado nas Paredes Mágicas abaixo (figuras 17 e 18). A primeira, - que faz homenagem à chegada da Primavera – foi fruto de uma festa infantil: chapeuzinhos de papel são invertidos e transformados em vasos para plantinhas, toalhas de convidados em TNT viraram cortinas, etc. A segunda imagem que foi concebida para comemorar o Dia das Mães tem em sua realização material descartado durante o carnaval, fruto da desmontagem de um camarote: colares carnavalescos, retalhos de tecidos, malhas...

**Figura 18 – Parede Mágica Primavera – Ano 2010.**



**Figura 19 – Parede Mágica Dia Das Mães. Ano 2010.**



A Parede Mágica “Cantinho Verde”, foi criada especialmente para marcar a entrada de plantas naturais na instituição. A educadora, já em fase de pesquisa científica, elabora a campanha “Cantinho Verde”, que tem como objetivo a obtenção de plantas naturais para fazer parte da paisagem interna da escola. Recebeu vários exemplares provenientes das doações de alunos, pais, professores, e de um horto localizado no bairro. As mudas - visualizadas na foto - foram transplantadas para vasos, e distribuídas dentro da escola. Este trabalho reutilizou retalhos de carpete, esteira de praia e garrafinhas de vidro emprestadas pela coordenadora do turno vespertino.

**Figura 20 – Parede Mágica: Cantinho Verde - Ano 2012.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

**Projeto Pedagógico da Escola Alexandrina em 2012 - Tema Central Centenário do Escritor Jorge Amado.**

Baseada nos resultados obtidos com as “Paredes Mágicas”, em 2012 a arte-educadora é convidada pela diretora a abraçar o tema em suas montagens, cenários, e decoração de eventos.



**Figura 21 – Evento Junino Centenário Jorge Amado.**

Fonte: Acervo da pesquisadora

Também em 2012 a escola completou 35 anos de existência. Varias atividades marcaram a data. Entre elas um jogral apresentado pelo Grupo de Teatro Metamorfose, e uma Parede Mágica comemorativa. Instalação com bolo cenográfico confeccionado com caixas de papelão e massa corrida e toalhas emprestadas por uma simpatizante do trabalho. Nesta foto já se nota a faixa pintada em cor azul mais vibrante. Este aspecto será detalhado mais adiante.

Figura 22 – Parede Mágica: 35º Aniversário da Escola – Ano 2012.



O quadro seguinte foi elaborado a pedido da direção da escola, para uma das reuniões de mobilização para de pais, responsáveis e representantes do Conselho

Figura 23 – Parede Mágica: Recepção para Reunião de Pais – Ano 2013.



Fonte: Acervo da pesquisadora

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muito resultados foram percebidos ao longo deste estudo. Foi um efeito tão inesperado e surpreendente que despertou na professora o olhar investigativo: a permanência do cenário sem sofrer danos. O ineditismo desta situação já caracterizou um resultado não pensado, uma consequência não planejada. O objetivo da instalação cênica era apenas servir de paisagem para um espetáculo. Partindo deste fato, decide-se por repetir a situação, desta vez, com uma intenção clara, bem definida, planejada e observada criticamente.

Compactuando com a concepção de ambiente como o lugar onde vivemos, as relações que estabelecemos, o meio que dá suporte existencial e sentido à vidas, fica evidente que as atividades teatrais desenvolvidas, trabalharam a temática ambiental. No processo pedagógico, foram realizados exercícios que contribuíram para a ampliação da percepção ambiental do grupo escolar, vivenciadas experiências para o aumento do protagonismo responsável e consequente despertar da afetividade para com um ambiente local e expandido.

Com o despertar do olhar investigativo, a experiência “Paredes Mágicas” , foi repetida inúmeras vezes. Ok! Foi testado e confirmado: A Parede Mágica estava assimilada no contexto escolar. Bem mais que isso, ela era aguardada com ansiedade pela comunidade escolar. E agora? Acabou? Não! Em pesquisa ação a busca por melhoria não acaba nunca, a metodologia tem característica espiralada ascendente e quando um problema identificado é resolvido, o olhar fica mais aguçado, e percebe em volta, outras situações que podem ser alteradas para benefício de todos.

### Da participação dos pais

Toda escola tem no mínimo uma via institucionalizada de comunicação com as famílias: a reunião de pais. O formato desses encontros, todavia, pode provocar mais afastamento do que aproximação da escola. Eles devem ser chamados prioritariamente para compartilhar conquistas no desenvolvimento dos filhos. O ambiente para estes encontros deve ser atrativo. A instituição objeto deste estudo é

dirigida por uma equipe muito atuante e preocupada com a qualidade do ambiente relacional estabelecido entre os membros da comunidade escolar, e neste universo estão incluídos pais e moradores do entorno. Para estimular o envolvimento e participação dos pais, o colégio conta com a parceria da arte educadora para iniciar ou fechar de forma lúdico-educativa a pauta do dia. São promovidas dinâmicas de grupo atividades de entretenimento entre familiares e alunos. A aproximação da escola com a comunidade é bem estreita. Credita-se a isto o fato de que as reuniões não sejam limitadas a questões como a indisciplina, ou mau desempenho dos estudantes. Muitas vezes o encontro é encerrado com apresentações do Grupo de Teatro Metamorfose. Nestes momentos os pais acompanham as mudanças físicas que estão continuamente transformando a escola. Cada reunião é surpreendida com um novo cenário. E é alvo de comentários positivos. É clara para os gestores a transformação no comportamento dos pais, que comparecem às reuniões. É inegável também, a existência de assuntos de difícil abordagem, que são inseridos com vistas à transformação para melhor. Mas acima de tudo, a reunião tem caráter pedagógico. E as atividades de entretenimento não perdem este foco. A mobilização que contava inicialmente só com a força do corpo interno da escola, posteriormente, foi ampliada com participação e envolvimento dos pais e responsáveis. Estes membros da comunidade foram captados especialmente durante as reuniões de pais e mestres.

#### Da Cenografia Peripatética – caminhando e espalhando mudanças

Os recursos artísticos utilizados em teatro, destacando-se a cenografia, teve importância flagrante na alteração da paisagem escolar: Uma reclamação recorrente especialmente partindo das meninas, era relacionada a precariedade dos sanitários. A sujeira, o chão encharcado de urina e o mau cheiro, além da ausência de espelhos dentro do espaço comum no box e no lavabo eram problemas difíceis de encarar e dificultava a troca de figurino e realização da maquiagem, para as apresentações artísticas. O problema dos banheiros que implicava não somente uma questão de limpeza, mas também de qualidade do ambiente escolar, foi um dos primeiros problemas que o grupo decidiu eliminar. Após algumas discussões, foram

percebidos os limites e possibilidades para a intervenção. A parte hidráulica com defeitos foi solicitada resolução junto à direção da escola. A ausência de espelhos foi elucidada em conjunto professora e alunos– sempre com o apoio da direção – fizeram um bazar de roupas, sapatos e acessórios. O recurso adquirido, foi empregado na compra de 8 espelhos retangulares de preço bem popular. Ai entrou a cenografia: Todas as peças foram decoradas. Nas molduras foram aplicados detalhes em renda de algodão e bichinhos em 3D.

Sobre este aspecto da pesquisa, Freire afirma:

“Constatar a realidade nos torna capazes de intervir nela, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptarmos a ela.” (FREIRE, 1997, p. 27)

**Figura 24 – Lavabo - Antes e depois de intervenções.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

Outras ações cenográficas que provocaram transformação no espaço interno da escola:

- I. Instalação de espelhos decorados nos banheiros e lavabos dos estudantes, professores e funcionários;
- II. Instalação de placas com textos educativos nos sanitários;
- III. Pintura lavável, executada em sistema de mutirão, nas paredes de toda a escola;
- IV. Parede Mágica: arte cenográfica, organização e riqueza de detalhes nas festas temáticas e datas comemorativas. (Baile de Carnaval, São João, Dia

do amigo, Primavera, Meio Ambiente, Dia dos Pais, das Mães, Formandos, Natal, Consciência Negra, etc.);

- V. Instalação de brinquedoteca na sala do grupo infantil I;
- VI. Apresentações de Teatro abertas à comunidade – Grupo Metamorfose;
- VII. Mostra pedagógica de grande porte nas ultimas eleições – 2010 e 2012;
- VIII. Distribuição nas principais vias de circulação da escola de 35 plantas envasadas - médio e grande porte;
- IX. Instalação de conjunto de lixeiras identificadas para coleta seletiva;
- X. Oficina de reaproveitamento de móveis;
- XI. Oficina de brinquedos reutilizando material que seria destinado ao lixo – garrafas e tampinhas plásticas, caixas de *tetra pak*, galhos e folhas secas
- XII. Oficina de maquiagem artística e animação infantil para aplicação nos alunos menores (colega anima colega)

**Figura 25 – Oficinas de Maquiagem.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

**Figura 26 – Oficina de Maquiagem - Semana do Meio Ambiente.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

XIII. Oficinas de artesanato e reciclagens - para o público adulto interno e externo

- Decoração em garrafas de vidros e potes de condimentos
- Oficina de aproveitamento total de alimentos: cascas, sementes, talos e fibras. (público externo)
- Confecção de porta trecos, porta lápis, porta bijuterias e kits para banheiro, utilizando caixas *TETRA PAK*.
- Produção de descanso de panelas utilizando tampinhas de garrafas e retalhos de tecidos.
- Pintura vitral e em azulejo
- Confecção de sabão em barra reutilizando óleo doméstico
- Mosaico – reutilização de azulejos
- Fantoches com mini garrafas de refrigerantes
- Fuxico - flores, colares e tiaras

Os construtos adicionais da intervenção

- **Exposição pedagógica no período eleitoral e os efeitos da Parede Mágica na comunidade do entorno:**

Muito embora o ponto de partida deste trabalho tenha ocorrido entre os muros da escola, a prática pedagógica não ficou restrita ao ambiente escolar. O movimento de “contaminação” alcançou a comunidade do entorno. O hábito de encontrar a escola embelezada durante todo o ano, trouxe gratos resultados: foi verificada, nas duas últimas eleições (2010 governador e 2012 prefeito) o mesmo efeito da “Parede Mágica”. A 17ª zona eleitoral - com suas 14 sessões - é sediada na escola Alexandrina, que foi entregue ao TRE (Tribunal Regional Eleitoral) completamente decorada, com as principais peças das mostras pedagógicas do ano. Apesar do alto número de pessoas que circularam na escola, no período eleitoral, não foi identificado nem um único dano ou furto nos objetos expostos. Resultado: O Evento se tornou fixo no calendário da escola

- **Pintura lavável, executada em sistema de mutirão, nas paredes de toda a escola.**

Justificativa e resultados obtidos com a pintura de uma faixa de 1 metro de altura com tinta lavável: - A ausência de mobiliário - cadeiras, bancos, sofás, poltronas - nas áreas de circulação, fazem com que os alunos nos momentos de intervalos fora da sala, fiquem de pé, e a consequência imediata eram paredes marcadas por solas dos sapatos nas paredes. Esta barra escura formada por carimbos de sapatos era marca registrada da escola em anos de existência. Mesmo quando a prefeitura refazia a pintura, bastavam alguns dias para ela reaparecesse. Percebemos que a solução era fácil e barata: utilizar tintas laváveis para formar uma faixa com 1 metro de altura. Problema solucionado. Depois que a pintura foi realizada, os funcionários da limpeza retiram as manchas sem dificuldades. Agora a escola mantém por mais tempo o aspecto de limpeza.

A Educação Ambiental, segundo Leff (2001), traz em sua matriz o compromisso de despertar a consciência ecológica ou “racionalidade ambiental”:

A racionalidade ambiental se constrói e se concretiza numa inter-relação permanente de teoria e práxis. A questão ambiental, incluída sua problemática gnosiológica, surge no terreno prático de uma problemática social generalizada que orienta o saber e a pesquisa para o campo estratégico do poder e da ação política. [...] Neste sentido, a construção de uma racionalidade ambiental depende da construção de novos atores



sociais que objetivem através de sua mobilização e concretizem em suas práticas os princípios e potenciais do ambientalismo (LEFF, 2001, p. 136).

Resumindo: a concepção de uma Educação Ambiental emancipatória, voltada para o exercício da cidadania, deve ser edificada levando em conta as questões ambientais de forma coletiva associada às condições para participação crítica e mudanças de atitudes.

Um resultado instigante para a pesquisadora foi a percepção de que um espaço higienizado não é sinônimo de espaço acolhedor. A escola de tempos em tempos é reformada, as paredes são pintadas, o mobiliário sucateado é trocado por peças novas, e o ritual de depredação: riscar, rasgar, sujar, quebrar, recomeça. Por que este fenômeno acontece? Os frequentadores da escola não gostam de ambientes assépticos? Por que espaços extremamente limpos e organizados funcionam como um convite ao dano?

**Figura 27 - Imagens da Escola Pós Reforma.**



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A pesquisa indica que a falta de identificação e conseqüente zelo, são as respostas para estes questionamentos. Sem referências individualizadas, estes espaços são frios e impessoais. As cores normalmente em tons pastéis, a ausência

total de plantas só fazem aumentar esta sensação de lugar sem vida. Não despertam afetividade, não revelam sentido de acolhimento.

A citação de Bourdieu (1999, p.163), enfatiza o poder opressivo exercido pelo distanciamento provocado pela higienização. A apropriação deste espaço pelo grupo estudantil e a tomada deste comando, podem ser lidas nas cicatrizes representadas pelas marcas de sujeira e vandalismo. A depredação, portanto, também pode ser analisada como uma expressão de repúdio à dominação, e de delimitação do território.

O espaço é um dos lugares onde o poder se afirma e se exerce, e, sem dúvida, sob a forma mais sutil, a da violência simbólica como violência despercebida: os espaços arquitetônicos, cujas injunções mudas dirigem-se diretamente ao corpo. (BOURDIEU, 1999, p.163)

A sala do grupo infantil era também um exemplo de espaço vazio, sem alma. Percebe-se a ausência de jogos, de cores e brinquedos. Com exceção do mobiliário, não existe nenhum outro elemento que aluda a um “jardim de infância”. Com a finalidade de mudar este quadro, a educadora - no natal de 2012 - solicitou entre seus parceiros, doação de brinquedos novos e usados. Hoje a sala conta com um urso gigante, tapete emborrachado para atividades no chão e uma caixa de brinquedos – que as crianças usam e deixam na escola –. Ainda precisa de uma pintura especial de adereços coloridos nas paredes e no teto. Atividades que estão programadas para as próximas férias.

**Figura 28 - Sala do grupo infantil - Ano 2012.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

A investigação e a intervenção indicaram que quando a escola é cuidada com esmero, para proporcionar bem estar, conforto, e beleza, se torna acolhedora, valoriza seus frequentadores, e, os atos de vandalismo diminuem drasticamente.

A configuração do espaço sempre foi importante para caracterizar a instituição escolar e a própria sociedade num determinado período, porque materializa as aspirações, conflitos e incertezas vividas. Entretanto, sua evolução parece ter se estagnado, já que, praticamente, o mesmo tipo de escola vem sendo construído e mobiliado, de modo bastante desatualizado, fazendo-nos inferir qual a razão desse hiato criado e quais as intenções existentes atrás da descontextualização do espaço escolar. (França, 1994, p. 57)

Refletir sobre a complexidade ambiental abre uma estimulante oportunidade para compreender a gestação de novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação da natureza, para um processo educativo articulado e comprometido com a sustentabilidade e a participação, apoiado numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas de saber. Mas também questiona valores e premissas que norteiam as práticas sociais prevalecentes, implicando mudanças.

A consciência crítica foi estimulada entre os envolvidos, para a ampliação da percepção do ambiente onde vivem. Credita-se às oficinas de artes, apresentações de palestras e peças teatrais encenadas pelo grupo de teatro o despertar de alguns questionamentos: Como eu sou? Qual a escola que eu desejo? Onde eu moro? Como é a minha casa e o meu bairro? Percebe-se também como fator resultante das ações socioambientais dentro da unidade escolar, a diminuição drástica nos atos de vandalismo e depredação, em contraponto à elevação da afetividade e dos cuidados detectados na manutenção de um ambiente aprazível e belo, ou seja, uma mudança de percepção inicial sobre meio ambiente e a sua presença nele. Graciani valida este aspecto:

O homem, como ser social e natural é detentor de conhecimentos, historicamente vivenciados e valores socialmente construídos, tem o poder de agir, criar. Atuar e recriar seu modo de relacionamento com o meio social e natural, não esquecendo que é no microcosmo (local) é que se baseia o fator participativo da gestão ambiental" (GRACIANI, 2003, p. 19).

O vínculo do indivíduo com a natureza apresenta-se em diferentes gradações, contudo é na escala do local, quando se pensa na realidade próxima, que as ações adquirem significado. Os sujeitos desta realidade concretizam as ações e reflexões

que procuram qualificar este espaço, organizando e transformando-o de acordo com as suas demandas. É preciso pensar que é no ambiente que o homem vive, apreende, constrói e ressignifica sentimentos.

A afetividade é expressa e compreendida por meio da relação deste com o meio, não apenas o sentimento de pertencimento, mas de formação e afirmação do homem como cidadão local. Isso mostra que a noção de lugar não é apenas a localização do espaço, mas também o apego que os indivíduos possuem com relação ao mesmo. Neste sentido, Correa afirmou que:

[...] representam valores e significados especiais, para aqueles que nele vivem. É um espaço carregado de emotividade, no qual as relações sociais, as representações de universos singulares e as experiências se articulam, de forma a transformar meras localizações em sítios especiais, guardados com cuidado na memória. (CORREIA, 2005 p.15)

Pensar o ambiente em suas inúmeras ações e inter-relações é refletir no *locus* de organização dos valores, saberes, essências e sentimentos da vida privada das pessoas. A afetividade é o sustentáculo que valida todos os processos de desenvolvimento, fortalecendo a conquista do elo perdido entre o homem e a natureza. Trabalhar a inteligência afetiva implica fortalecer um nível profundo de consciência com consequências éticas (CORREA, 2005, p.15)

O propósito desta pesquisa-ação foi alcançado na medida em que vai se tornando claramente visível um dos caminhos para a minimização do vandalismo e da depredação no contexto escolar. Evidencia-se que vivenciar e desenvolver uma prática educacional que valide os laços que unem o homem à natureza e à cultura, faz apelo à sensibilidade, à emoção e ao contato direto com a realidade, na construção do conhecimento científico.

### Da participação dos Alunos

Com a pesquisa em andamento, revigoraram-se os esforços de ampliar concomitantemente um trabalho da formação protagonista e de parceria cooperativa com a unidade de ensino. O resultado das inúmeras discussões se fez perceber quando a transformação no ambiente foi sendo construída segundo as inferências do grupo. A pesquisadora e o alunado vincularam-se com o objetivo de produzir um

esquema que se dispôs a melhorar a qualidade do meio ambiente escolar. A elaboração coletiva fez parte desse rico processo que se tornou perceptível através da reconstrução da paisagem.

É inegável ao autor ter chegado até este ponto da leitura sem perceber que este projeto só foi possível por contar com a participação dos alunos. Eles se fazem presentes em todos os passos deste passeio peripatético. São os sujeitos que motivaram a pesquisa, que mobilizaram a atenção da pesquisadora, alimentadores da esperança e da crença em outra escola, outra educação, outro ambiente.

Visando oferecer subsídios para reforçar a constatação do nível de conhecimento e percepção destes educandos, sobre seu meio ambiente, a pesquisadora lançou o Festival do Minuto. O desafio era que os alunos se reunissem em equipes de até seis componentes, produzissem um vídeo com duração de um minuto, feitos com celular. Ministrou uma oficina de vídeo e roteiro para que os grupos conhecessem os principais aspectos que poderiam favorecer ou prejudicar o resultado do filme: enquadramento, luz, som, roteiro com começo meio e fim, sintetizados em apresentações com 60 segundos. Entre as regras do concurso, estavam duas que forneceria respostas para este capítulo: Obrigatoriedade de abordar o tema meio ambiente e ter o bairro de Pirajá como cenário.

Os resultados do plano de intervenção levaram a conclusões predominantemente positivas, e seguindo características da pesquisa ação foi montado o evento “Festival do Minuto” com um cenário festivo para tornar valorizar a entrega de prêmios e tornar pública a experiência, fazendo a devolutiva para a comunidade escolar.

Figura 29 – Evento de Premiação: Festival do Minuto.



Fonte: Acervo da pesquisadora. Ano 2013

A repercussão do concurso na escola foi surpreendente e o número de inscritos, bastante expressivo. De posse dos produtos apresentados no Festival do Minuto, apresenta-se o quadro com principais temas abordados, pelas oito equipes melhores classificadas.

GRUPO / TÍTULO DO FILME	SINOPSE
<p><b>1) - Título: Ecosistema</b> Componentes: Witalo, Yuri, Josué, Yuri Silva, Wenderson, Suelem.</p>	<p>Videoclipe musica (sem voz) os atores se aproximam de uma mata, a câmera se desloca para as arvores o céu o rio ao lado, voltam para os atores que <b>soltam um pássaro</b>.</p>
<p><b>2) -Título: Não desperdice água</b> Componentes: Leonardo, Helder, Claudinei, Wendel, Antônio Augusto.</p>	<p>Um garoto sonha que a água está inacessível, com preço elevadíssimo R\$50.000,00 por copo. Acorda desesperado e promete <b>nunca mais desperdiçar água</b>.</p>
<p><b>3) -Título: O Vilão da Natureza</b> Componentes: Guilherme, Mateus Sacramento, Valisson, Edson</p>	<p>A população que tinha a casa invadida pelas águas durante as chuvas resolve fazer com que um vizinho retire seu <b>entulho</b> que <b>provocava as inundações</b></p>
<p><b>4)Título: Poluição da barragem</b> Componentes: Andressa, Deise, Alexandra, Luciana, Luana.</p>	<p>Duas jornalistas revelam a <b>sujeira nas imediações da cachoeira do Parque São Bartolomeu</b>. Em seguida começam a limpeza e são ajudadas pelos transeuntes.</p>
<p><b>5)Título: O Cidadão Rebelde</b> Componentes: Clayde, Rainan, Paula, Thaianne, Italo, Felipe</p>	<p>Uma turma esta passeando quando um dos meninos joga o papel de picolé no chão, os colegas pedem para ele apanhar o papel, mas ele reluta. Depois que começam a apelidar de porquinho ele resolve <b>recolher o lixo</b>.</p>
<p><b>6)Título: Salve a Natureza</b> Componentes: Geovana, Rodrigo, Monaliza, Vitoria, Washington, Vanessa</p>	<p>Dança - Coreografia com a musica “Xote Ecológico” de Luís Gonzaga. As meninas dançam indicando <b>caixas para coleta seletiva de lixo</b></p>
<p><b>7) Titulo Não Jogue lixo na Rua</b> Componentes: Ariele, Jenifer, Bruna, Andressa, Pamela</p>	<p>Um gari varre a rua, três amigas passam, uma delas joga um papel no chão. As outras reclamam e ela diz que a gari está ali para fazer este serviço. Depois de muita discursão ela apanha o lixo e deposita no balde. <b>A gari, agradece ao reconhecimento do seu trabalho</b></p>
<p><b>8) Titulo: Tráfico de Animais</b> Componentes: Paula, Luiz Felipe, Eile, Milena, Iris, Mateus,</p>	<p>Aborda impunidade relativa ao <b>crime ambiental</b>. Um traficante é denunciado quando esta sendo preso, conduzido por policiais, solta uma gargalhada e afirma que amanhã estará de volta e que só passa uma noite na cadeia.</p>

“Não Desperdice Água” Este trabalho – descrito aqui na integra- venceu o festival e ganhou a plateia, que aplaudiu efusivamente.

## NÃO DESPERRICE ÁGUA

(Atores: Leonardo, Helder, Claudinei, Wendel, Antônio Augusto)

### ATO 1

Em uma casa simples de Pirajá, um jovem rapaz está dormindo em seu quarto quando desperta do sono se espreguiçando.

HELDER – Ai que preguiça! (diz enquanto levanta da cama)

Caminha para a saída do quarto, mas antes consulta a data marcada no calendário.

HELDER – 21 de agosto de 2013! ...aff, não vou para a escola não! (Ressalta expressando um ar de muxoxo e desdenho na voz)

Ele caminha pelos cômodos da casa em direção ao banheiro – ouve-se o canto de pássaros – privilégio dos que moram perto de matas e florestas. Chega a pia, abre a torneira, escova os dentes e fica se admirando no espelho enquanto a água escorre livremente.

### ATO 2

A câmera foca uma placa de papelão no alto de uma parede, com o seguinte texto:

“ANO 2018 “VENDE-SE ÁGUA” R\$ 50 MIL REAIS, O COPO”.

Abaixo da placa, está uma fila enorme de pessoas desoladas, semblantes tristes, ombros caídos. Todas elas seguram copos vazios e aguardam a sua vez. Esperam a oportunidade de conseguir comprar um pouco de água. No final da fila, está HELDER cabisbaixo com um saco plástico transparente aguardando a sua vez.

### ATO 3

Mais uma vez a imagem muda de plano e volta para a cena anterior, no quarto. O rapaz esta na mesma posição que iniciou no filme. Entra sua mãe:

MAE – Helder, Helder, (sacode o menino) acorda criatura, acorda que nós vamos sair!

O rapaz levanta em um pulo, com os olhos arregalados, como se tivesse visto um fantasma.

HELDER – (assustadíssimo) Nossa...Ave Maria, tive um pesadelo, horrível, nunca mais vou desperdiçar água!!!!

**FIM**

Da participação da equipe gestora:



A gestão na Escola Alexandrina dos Santos Pita, é calcada principalmente na participação, e por esta característica, possibilita a partir das interlocuções, dos diálogos, das críticas e da reflexão, o despertar de soluções criativas, como resposta aos anseios e às necessidades do espaço escolar. O que a unidade não dispõe em recursos, compensa na abertura e ouvido atento às propostas que surgem entre alunos, professores, funcionários e comunidade do entorno. Nenhuma ideia é descartada sem avaliação criteriosa de prós e contra. O resultado é o que diferencia esta unidade das demais da região.

Entrega de medalhas:

- 1) A diretora geral da escola, faz a entrega das medalhas e dos prêmios para a equipe que ganhou o primeiro lugar com o vídeo “ Não Desperdice Agua”

**Figura 30 – Premiação do 1º lugar - Festival do Minuto.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

Assim como a líder, as vices- diretoras e coordenadoras, não ficam enclausuradas em suas salas, alheias ao que se passa na escola. Antes, participam

ativamente, se empenham para que as propostas apresentadas e aprovadas deem certo. Apostam na comunidade. Este estudo foi possível porque na liderança da instituição estão pessoas comprometidas com a educação, com o meio ambiente e conseqüentemente com a vida no planeta. A vice diretora da tarde entrega a medalha de prata para o segundo lugar e as vices dos turnos matutino e noturno fazem a entrega da medalha de bronze para o terceiro lugar.

**Figura 31 - Entrega de medalhas 2º e 3º lugar – Festival do Minuto.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

A arte tem qualidade libertadora, de aquisição de conhecimento e tomada de consciência, ela possibilita mudanças para melhor sem perder de vista suas características fundamentais de entreter e divertir. O teatro empenhado em alicerçar conceitos e valores da Educação Ambiental, representa a união do papel estimulante das inúmeras experiências sensoriais criativas e criadoras com o aperfeiçoamento da ligação essencial entre o sujeito o planeta.

### Da participação dos Professores

A participação dos professores foi (e sempre será) fundamental. São eles que divulgam as atividades, mobilizam as turmas e os pais para as atividades em grupo. Grandes incentivadores na manutenção dos espaços cenicamente transformados. Eles atuam antes, durante e depois das intervenções.

**Figura 32 – Professores, equipe gestora e alunos vencedores – Festival do Minuto.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

Como exemplo cita-se a identificação e catalogação de todas as plantas envasadas. A ação dirigida pelo professor de Ciências, com a turma do vespertino, foi uma grata surpresa nesta pesquisa.

**Figura 33 – Identificação de plantas naturais.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

### Da participação da pesquisadora

Neste parágrafo vou falar na primeira pessoa. Acho que é importante apresentar meu testemunho uma vez que sou parte atuante no processo. Quando cheguei à escola fiquei muito assustada com quadro encontrado e sinceramente o que mais desejava era ser encaminhada para outra unidade. Pirajá além de ser muito distante da minha residência, tinha (tem) um trânsito insuportável. Mas fui seduzida pelo interesse dos alunos para com a minha aula. A fama desta rica troca de experiências se espalhou pela escola, e dezenas de alunos queriam (e todos os anos querem) fazer teatro. O grupo Metamorfose exigiu nascer, e nestes quase oito anos, vários alunos passaram por ele, quando chegam ao nono ano, ajudam na organização cênica da formatura e nos despedimos com pesar, mas com a sensação do dever cumprido. O fenômeno “Parede Mágica” e seus desdobramentos me cativaram definitivamente. Hoje moro em outra cidade (ou seja, bem mais longe), mas não abro mão da minha “Alexandrina”. Descobri que lá é o meu lugar!

**Figura 34 - Formatura da Turma de 2012.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

Os roteiros do festival do minuto revelaram que os alunos observaram e analisaram fatos e situações do ponto de vista ambiental, de modo crítico, As equipes utilizaram a percepção para constatar relações de causa e efeito que influenciam a vida no espaço geográfico e no tempo histórico, reconhecendo a necessidade e as oportunidades de atuar reativa e prepositivamente visando garantir um meio ambiente sadio e a boa qualidade de vida.

**Figura 35 - Parede Mágica Evento Infantil –Ano 2013.**

Fonte: Acervo da pesquisadora

Contatou-se que, de fato, só através da práxis é possível construir um conhecimento real, vivenciar experiências sólidas e profundas. E que quanto mais cedo às questões ambientais forem abordadas, maiores as chances de despertar a consciência pela preservação. Por isso, a educação para uma vida sustentável deve começar já na pré-escola. E o teatro como estímulo lúdico é determinante neste processo. A pesquisa sustenta assim, sua natureza desassociada das velhas condutas e dos discursos instituídos, mudando-se o modelo “conhecer para transformar” por “transformar para conhecer” (COIMBRA, 1995).

Durante o processo de desenvolvimento desta pesquisa buscou-se conhecer, discutir, sistematizar, problematizar e socializar as possibilidades de desenvolvimento de uma possível educação ambiental através das artes cênicas, numa perspectiva popular a partir de uma experiência em curso, demonstrando tanto quanto possível, suas fundamentações, potencialidades, conflitos, avanços e limites, no contexto em que foi desenvolvida.

O aprendizado foi muito grande, enriquecido pelo caráter de pesquisa-ação que permitiu, além de uma visão de conceitos-chave que guiaram esta trajetória, ter noção do que é possível implementar, realizar e transformar em cada contexto histórico e cultural determinado, o aprendizado das limitações (as nossas próprias e as do meio) que a vida real nos impõe.

**Figura 36 - Planta envasada decorada.**



Fonte: Acervo da pesquisadora

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino tem papel fundamental, sobretudo, como importante instrumento de inclusão social e cidadania. Não se pretende com este trabalho esgotar todas as possibilidades nem dirimir todas as questões relacionadas ao modo como a educação ambiental pode auxiliar no enfrentamento da problemática socioambiental, uma vez que não se confia em respostas prontas, únicas e formatadas. O valor desse processo está na criação participativa de soluções e estratégias baseada em princípios sólidos, democráticos e contextualizadas às realidades locais.

A Constituição Federal, ao determinar o Meio Ambiente ecologicamente equilibrado como um direito do cidadão estabelece relação entre qualidade ambiental e cidadania. Para garantir esse direito, a Carta Magna determina que uma das obrigações do Poder Público seja a promoção da Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública.

Diante de tantas funções e desafios que compete à escola, esta pesquisa procurou contextualizar práticas e expressões artísticas, com ênfase socioeducativa e ambiental na forma de pesquisa-ação, desenvolvida na Escola Municipal Alexandrina dos Santos Pita, localizada em bairro periférico de Salvador, na Bahia. Baseadas nas pesquisas e nas experiências adquiridas durante o desenvolvimento do projeto, já se pode afirmar que os objetivos estabelecidos no início da pesquisa, foram alcançados dentro da realidade encontrada. Portanto foi possível:

- Descrever experiências de estreitamento da relação entre a arte e a educação ambiental, em uma escola pública soteropolitana;
- Refletir o papel da educação ambiental aliada à arte-educação na conservação do meio ambiente escolar;
- Estimular a classe estudantil e a comunidade do entorno a realizar ações ambientais em conjunto;
- Sistematizar aspectos e impactos metodológicos sobre a pesquisa na área ambiental e propor caminhos possíveis para a interlocução entre a escola e a comunidade.

Acredita-se que para tanto, é necessário que haja um trabalho educativo conjunto, para que sejam discutidas as dimensões econômicas, sociais, ambientais, que haja um debate constante no bairro e que se criem canais permanentes de



participação e fortalecimento da comunidade, em relação a sua qualidade de vida e ao meio ambiente. Os sentimentos de Ser e Pertencer devem ser estimulados e reconhecidos como processos de fundamental importância para que os indivíduos possam desenvolver plenamente suas potencialidades e agregar conhecimentos que permitam sua efetiva participação nas decisões que afetam o desenvolvimento de meio ambiente. A unidade de ensino neste caso é a base articuladora de - experimentações e práticas - um movimento que se pretende “regar” no entorno.

Verifica-se que o despertar da cidadania deve ser prioritariamente iniciado nos primeiros anos, com a criança em sua educação infantil e permanecer ininterruptamente em toda a vida escolar. A formação de jovens preparados para conviver numa sociedade múltipla, em constante transformação é uma necessidade atual. A formação para o exercício da cidadania perpassa pela reavaliação de vários valores, entre eles o ético, o afetivo, o ambiental, o social entre outros.

Cabe aos educadores ambientais populares realizarem as adequações necessárias à contextualização e aplicação às suas realidades. É imperativa a edição permanentemente do conhecimento abordado, inserindo novo saberes adquiridos no processo de sintonia com as peculiaridades locais.

Nesta multiplicidade de dimensões e histórias pessoais torna-se relevante a necessidade de ampliação de experiências para um estreitamento da relação entre a arte e a educação ambiental, potencializando diferentes formas e linguagens artísticas. Pela constatação que os diferentes caminhos percorridos com o “fazer teatral”, perpassam pelo prisma da participação, afetividade, pertencimento, consciência crítica, valoração, validação, mobilização popular com participação cidadã e corresponsabilidade de transformações estruturantes, possibilitando a construção de uma comunidade sustentável contextualizada e em sintonia com as peculiaridades locais. Este trabalho traz algumas orientações e referências metodológicas com a intenção de incentivar e contribuir para o desenvolvimento de práticas articuladas de educação ambiental e mobilização popular, que tenham como características a participação cidadã e o compromisso com transformações estruturantes.

Perceber-se como peça fundamental na formação da história escolar, comunitária, ou individual é um importante avanço no trajeto das ações sociais a fim

de tornar-se elemento essencial nas transformações e tomada de decisões dentro de um contexto. Como esclarece Orr:

“Nos séculos que virão, os jovens deverão saber como criar uma civilização que funcione com energia solar, conserve a biodiversidade, proteja solos e florestas, desenvolva empreendimentos locais sustentáveis e repare os estragos infligidos à Terra. Para oferecer essa educação voltada para o meio ambiente, precisamos transformar nossas escolas e universidades.” (ORR, 1993, p. 2)

Faz-se, portanto, a educação ambiental cada vez mais indispensável, já que este é um assunto de relevância social preponderante nos temas contemporâneos. Sua importância se torna vital, posto que as sociedades não conseguirão garantir uma sobrevivência saudável se levar em consideração apenas o agora, sem avaliar as consequências de suas ações antrópicas para o futuro.

Sobre este aspecto Freire diz:

“Nosso compromisso, enquanto cidadão nesta sociedade globalizada é o de uma visão mais clara e ampla com a qualidade ambiental para um presente e futuro próximo, onde o homem terá oportunidade a sua vez e voz, tendo como vista não o espaço próximo de ação, mas também o horizonte planetário.” (FREIRE, 2000, p. 66-67)

Conclui-se que a questão ambiental em seus mais variados temas é uma convocação vital a uma mudança de atitude diante do consumo dos bens naturais, da auto responsabilização com a geração de resíduos resultante do consumo desenfreado e da tomada de consciência relacionada a necessidade do envolvimento de cada um pessoalmente e de todos, em organizações comunitárias que visem a metamorfose. A Educação Ambiental através do teatro proporciona o conhecimento fundamental para uma visão abrangente e crítica da realidade, e instrumentaliza os indivíduos para atuar de forma concreta sobre os problemas ambientais:

Diante deste fato, a resposta mais apropriada à crise ecológico-econômica atual é a busca de visões alternativas de como entre humanos pode haver prosperidade com impacto reduzido sobre o meio ambiente. As equações simples de quantidade igual a qualidade, ou mais igual melhor, são falsas. Uma visão alternativa torna-se, assim, uma necessidade e uma forma estratégica de enfrentar a destruição do planeta. (BAIARDI, VICTOR, 2012)

O conhecimento obtido na prática profissional no ambiente estudado, finalmente permite supor que:

- Uma educação sensível aos saberes, manifestações, percepções, e sentimentos dos alunos em relação ao ambiente escolar desperta a cidadania e a consciência ecológica.
- Um aluno estimulado a estabelecer relações de respeito, cuidado e afetividade para com a edificação e os equipamentos escolares, é um indivíduo melhor preparado para interagir com o ambiente local e global.

Tem-se a clareza de que a discussão e reflexões que se apresentam referente à educação ambiental a partir da experiência “Parede Mágica”, estão longe de se esgotar com esta pesquisa. Portanto, as considerações ora apresentadas constituem-se em um esforço de posicionamentos reflexivos finais que se apresentaram possíveis por meio do estudos/suporte teórico, do envolvimento com a realidade estudada, do tempo de dedicação à pesquisa e demais condições pertinentes à elaboração deste trabalho. Recomenda-se estudo mais aprofundado no assunto, e a produção de um recurso (cartilha, manual ou livro) que auxilie e estimule os educadores na sua prática para que o desenvolvimento das habilidades artísticas aplicadas na realidade escolar fortaleça a formação de novas atitudes e valores que levem à diminuição da degradação ambiental e melhoria da qualidade de vida no planeta.

## REFERÊNCIAS

ANGELIM, Laura. **História não melhora a situação de Pirajá**. A Tarde, Salvador, 24 abr.1999, p. 6.

ANGEOLETTO, Fábio. **Pirajá-Um Bairro e Um Parque: A Vegetação como Fator de Aumento da Biodiversidade nos Biomas Urbanos**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Salvador, Universidade Federal da Bahia. 2000.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de; PUIG, Josep Maria; ARANTES, Valéria Amorim (Org.). **Educação e valores: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007, p. 9-28 e 38-64.

BAIARDI, A. e VICTOR, M. M. **O capital natural como capital tangível e produtivo de uma nova civilização** – Paper para o PROAM Salvador, 2012.

BOAL, A. **O arco íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

\_\_\_\_\_. **Jogos para atores e não atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. p. 14-21.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano-compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre (coord.). **A Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997. 163 p

BRAGHIROLI, Elaine. **Temas de Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASIL. **Programa Nacional de Educação Ambiental** – ProNEA. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental; Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental. 3ª edição. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005.p.18.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª série**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf> Acesso em: 7 de julho de 2012

BRECHT, B. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BRITO Reinaldo. **Pirajá: um grande potencial turístico inexplorado**. A Tarde, Salvador, 6 jul. 1972, p. 10.

CARTAXO, C. **O ensino das artes cênicas na escola fundamental e média**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

CARVALHO, I.C.M. e Toniol, Rodrigo - **Ambientalização, cultura e educação: diálogos, traduções e inteligibilidades possíveis desde um estudo antropológico da educação ambiental** - artigo apresentado em mesa redonda na ANPED Sul, em Londrina, em julho de 2010. p.17-18

CARVALHO, I.C.M. **Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental popular e extensão rural**. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável, Porto Alegre, v. 2, n. 2, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A inversão do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia. Dos pré-socráticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHILE, Washington. **Projeto Rondon vai criar o parque histórico de Pirajá**. Jornal da Bahia, Salvador, 14 jun. 1972, p. 3.

COIMBRA, C.M. B. **Os Caminhos de Lapassade e da Análise Institucional: uma Empresa Possível**. Revista do Departamento de Psicologia da UFF, vol7, nº 1, 1995, pp. 52-80.

CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. da C. (Org.). Geografia: **Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p.15-47.

COSTA, Susane. **Pirajá local onde foram travadas várias batalhas pela Independência**. Tribuna da Bahia, Salvador, 12 abr. 1971, p. 5.

CRAFT, A. **Creativity across the primary curriculum: Framing and developing practice**. London: Routledge, 2000.

DALLARI, **Direitos Humanos e Cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998. p.14

**Declaração De Estocolmo - principio 19** - Disponível em:  
<http://www.allemar.prof.ufu.br/DECLARA%C7%C3O%20DE%20ESTOCOLMO.pdf>.  
Acesso em 05 de novembro de 2012

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 6 ed. Revisada. São Paulo: Ed. Gaia. 2000. p.19-83

ESPINHEIRA, Gey. **Parque São Bartolomeu: esquecimento e memória**.  
In:FORMIGILI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998.

FERRARO JUNIOR, LUÍS ANTONIO (organizador) **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores –**  
BRASÍLIA:MMA – Diretoria de Educação Ambiental 2005. p.5

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da Pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set/dez. 2005. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>>. Acesso em: 02 de junho de 2012.

FRANÇA, Lílian Cristina Monteiro, **Caos - espaço - educação**, São Paulo, ed. Annablume, selo universidade nº 21, 1994 p. 57

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.p.26

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**.  
Coleção leitura. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 27

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000 p. 66-67.

GRACIANI, J.S. **Ações e estratégias para a atuação na gestão participativa socioambiental. Educação Continuada à distância – NOAL. C – 2003. p. 19.**

GIULIANI, M. V. **O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente**. In Tassara, E. T., Rabinovich, E. P., & Guedes, M.C., Psicologia e ambiente. São Paulo, 2004.

GUIMARÃES, Mauro. **A Dimensão Ambiental Na Educação**. Campinas, Sp: Papyrus, 1995 (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico. 1995. 107p.

\_\_\_\_\_. **Educação Ambiental Crítica**. In: LAYRARGUES, P. P. (Coord.). Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Brasília, 2004. p.30

JACOBI, P. **Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo** - Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf>. Acesso em 13/12/2012.

LAYRARGUES, P.P. **A crise ambiental e suas implicações na educação**. In: QUINTAS, J.S. (Org.) Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente. 2a edição. Brasília: IBAMA. p. 159-196. 2002.

LIBÂNIO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez Editora. 2005 p.25,30

LIBÂNIO, José Carlos. **As Teorias Pedagógicas Modernas Resignificadas Pelo Debate Contemporâneo Na Educação** Cita CHARLOT p.4,5. Disponível:[http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/martim/profes\\_form/teoria\\_debatecontempo.pdf](http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/martim/profes_form/teoria_debatecontempo.pdf). Acesso em 04 de agosto de 2012

LOUREIRO, Carlos Frederico. **"Trajetórias e Fundamentos da Educação Ambiental", intitulado "Fundamentos da Educação Ambiental: retomando o debate"** São Paulo: Editora Cortez, 2004.

MAPA PIRAJÁ – **Google Maps** – Mapas. Disponível em: <https://www.google.com.br/aps?t=m&q=Piraj%C3%A1%2C+Salvador++Bahia&output=classic> Acesso em: 22 de outubro de 2013

MARCATTO, C. **Educação ambiental: conceitos e princípios**. Belo Horizonte: FEAM, Gráfica e Editora Sigma Ltda. p.18-19, 2002.

MATTOS, Waldemar. Pirajá. In: FORMIGILI, Ana Lúcia Menezes (Org.). **Parque Metropolitano de Pirajá: História, Natureza e Cultura. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998**

MILARÉ, Edis. **Direito do ambiente.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 2001

\_\_\_\_\_. **Direito do Ambiente: doutrina, jurisprudência, glossário.** 5ª ed. atual. e ampl. – São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2007.p.42-46 70.

MORAES, Alexandre de. **Direito Constitucional.** 10. ed. São Paulo: Atlas, 2001.p.668

ORR, D. **Escolas para o século XXI. Resurgence,** nº160, out., 1993. p. 2

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística.** 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1999.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: introdução crítica.** São Paulo: Autores Associados, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR (PMS). **Código de urbanismo e obras do município de Salvador.** Salvador: PSB, 1979

REBOUÇAS, F. R. **A pobreza na cidade de Salvador, Bahia-Brasil: uma análise de Pirajá, exemplo de segregação sócioespacial.** In: Colóquio internacional de Geocrítica, 11, 2010, Buenos Aires. Anais eletrônicos. Barcelona:Geocrítica, 2008. p. 1-15. Acesso em 16 de novembro de 2012. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewFile/240/358>

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 1998. p.12

\_\_\_\_\_. **A Educação Ambiental Frente Aos Desafios Contemporâneos.** Universidade de Sorocaba. In: II Congresso Mundial de Educação Ambiental R.J.2004. Disponível em: <<http://www.lides.unige.ch/bioEd/2004/pdf/ambiental.pdf>>. Acesso em: 12 de novembro de 2012.

REVERBEL, O. **Oficina de Teatro.** Porto Alegre: Kuarup, 2002.



SACHS, I. **Estratégias de transição para o Século XXI: Desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel, 1993. 19 p.

SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo**. Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. p.5

SATO, M.; SANTOS, J. E. Tendências nas pesquisas em educação ambiental. In NOAL, F.; BARCELOS, V. (Orgs.). **Educação ambiental e cidadania: cenários brasileiros**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 253-283.

SAUVÉ, Lucie. **Uma cartografia das correntes em Educação Ambiental**. In: SATO, Michele e CARVALHO, I.C.M (org) Educação Ambiental: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SCHMIED-KOWARZIK, Wolfdietrich. (1999). **O futuro ecológico como tarefa da filosofia**. São Paulo: IPF (Cadernos de Ecopedagogia 4). Secretaria Municipal de Educação e Cultura de São Francisco do Sul. Relatórios 2007. p.6

SERPA, Ângelo. **Ponto convergente de utopias e culturas: O Parque São Bartolomeu**. In: FORMIGILI, Ana Lúcia Menezes (Org.). Parque Metropolitano de Pirajá: história, natureza e cultura. Salvador: Centro de Educação Ambiental São Bartolomeu, 1998.

SILVA, José Afonso da. **Direito ambiental constitucional**. 8. ed. São Paulo: Malheiros, 2010.2003p.58

SILVA, Raimundo. **Pirajá: antiga região de produção açucareira**. A Tarde, Salvador, 24 jun. 1975, p. 5.

SORRENTINO, M.; FERRARO JÚNIOR, L. A., PORTUGAL, S. **Ambientalismo e Participação na Contemporaneidade: Avaliação de Processos Educacionais**. In: Anais do Simpósio Comemorativo aos 10 anos do Curso de Especialização em Educação Ambiental e Recursos Hídricos. São Carlos: Rima Editora, 2005. p.112

SORRENTINO, M. De Tbilisi a Thessaloníki: **A educação ambiental no Brasil**. In: QUINTAS, J. S. (Org.). **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente**. Brasília: Ibama, volume 3, 2000. (Coleção Meio Ambiente). Série Educação Ambiental. p.112

SPOLIN, V. **Jogos Teatrais para a sala de aula: um manual para o professor.** (I.D. KOUDELA, Trad.) São Paulo: Perspectiva, 2007.

STANISLAVSKY, C. **A preparação do ator.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p.41-59

TEIXEIRA, R. M. J.; GIUDICE, D. S.; RODRIGUES, J. A. **Expansão Urbana e Impactos Ambientais: Análise do Beiru/Tancredo Neves – Salvador - BA.** XIII Simpósio Brasileiro de Geografia, 2009. Disponível em: <[www.geo.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/trabalhos\\_completos/eixo11/075.pdf](http://www.geo.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/trabalhos_completos/eixo11/075.pdf)> Acesso em: 01 maio 2012

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** Cortez. 14. ed. aum. São Paulo, 2005.

TORRANCE, E. P.; GLOVER, J.A.; RONNING, R.R.& REYNOLDS, C.R. **Handbook of creativity.** New York; London: Plenum, 1989.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

VÁZQUEZ, A. S. **As ideias estéticas de Marx.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.